

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras

Jessé Carvalho Lebkuchen

Corpos (in)visíveis: a experiência da invisibilidade social do corpo abjeto em
***Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira**

Pelotas
2020

Jessé Carvalho Lebkuchen

**Corpos (in)visíveis: a experiência da invisibilidade social do corpo abjeto em
Enquanto os dentes, de Carlos Eduardo Pereira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras

Orientador: Alfeu Sparemberger

Pelotas
2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L441c Lebkuchen, Jessé Carvalho

Corpos (in)visíveis : a experiência da invisibilidade social do corpo abjeto em Enquanto os dentes, de Carlos Eduardo Pereira / Jessé Carvalho Lebkuchen ; Alfeu Sparemberger, orientador. — Pelotas, 2020.

85 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Enquanto os dentes. 3. Corpo abjeto. 4. Sexualidade. 5. Queer. I. Sparemberger, Alfeu, orient. II. Título.

CDD : 809

Jessé Carvalho Lebkuchen

Corpos (in)visíveis: a experiência da invisibilidade social do corpo abjeto em
Enquanto os dentes, de Carlos Eduardo Pereira

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação,
Universidade Federal de Pelotas

Data da defesa: 30/09/2020

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alfeu Sparemberger (Orientador)
Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Daniele Gallindo Gonçalves Silva
Doutora em Germanistik/Ältere Deutsche Literatur pela Otto-Friedrich-Universität
Bamberg

Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques
Doutor em Australian Literature and Cultural History pela The University of
Queensland

De repente, no mundo, de todas as crianças que nascem, dez por cento são bixitransapas ninguém sabe o porquê. Vivemos em seu seio e não somos extirpáveis. Bom, sim, podem nos humilhar, exterminar, encarcerar, enforcar. Mas voltamos a nascer [...]. A bixa, quando nasce, apaga todo o rastro de sua origem. Para começar sai correndo de casa. Uma bixa, por definição, só tem futuro. E presente. Sempre houve bixas, sempre haverá bixas (VIDARTE, 2019, p. 57).

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, por ter me proporcionado um ensino público e gratuito de qualidade, tanto na graduação como neste curso de pós-graduação. De outra maneira, provavelmente essa pesquisa não teria ocorrido, pois o espaço acadêmico proporcionado mostrou-me possibilidades antes não imaginadas. Também sou grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela disponibilidade de bolsa na maior parte dessa pesquisa, em momentos frágeis de investimentos públicos na educação brasileira.

Ao meu orientador Alfeu Sparemberger, pela confiança e por dar suporte ao meu trabalho, sempre me guiando com tranquilidade, estabilidade e de forma prestativa, tanto nas discussões teóricas e metodológicas quanto na formação como pesquisador, professor e humano. Aos professores Daniele Gallindo Gonçalves Silva e Eduardo Marks de Marques, por aceitarem fazer parte nas bancas de qualificação e defesa, suas considerações, conselhos e orientações foram imprescindíveis para o meu trabalho.

Aos professores Aline Coelho da Silva, João Luís Rocha Paixão Côrtes, Letícia Fonseca Richthofen de Freitas e Uruguay Cortazzo González, responsáveis pelo meu amadurecimento em diferentes etapas acadêmicas e que sempre estiveram disponíveis de variadas formas para me auxiliar e me orientar na busca do meu horizonte profissional.

Aos meus pais, Catarina Lima de Carvalho e Nelson Lebkuchen, que sempre me motivaram de uma forma ou de outra a seguir minha trajetória humana e acadêmica, trilhando meu próprio caminho. Mesmo que nem sempre compreendam, todo o meu esforço e dedicação é para orgulhá-los. Aos meus demais familiares, principalmente Carmen Liani Dill Lebkuchen, Gabriel Carvalho Kunrath e Neusa Maria Carvalho, por terem sido minha base nos últimos anos.

Aos meus amigos e amigas, em especial, Carla Fraga Matta, Fabiane Tessmer, Helaíne Fagundes da Silva, Mariana Waskow Radünz e Olívia Lapischies Bevilaqua, por me auxiliarem e por viverem esse período junto comigo, compreendendo e suavizando os meus medos e anseios. À Daniela Nunes Caileo, pelo suporte profissional, tornando as condições desta etapa acadêmica mais tranquilas. A todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram com a minha formação e com este projeto.

Resumo

LEBKUCHEN, Jessé Carvalho. **Corpos (in)visíveis: a experiência da invisibilidade social do corpo abjeto em Enquanto os dentes, de Carlos Eduardo Pereira**. 2020. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Esta dissertação discute a perspectiva narrativa acerca da homossexualidade masculina e analisa a (in)visibilidade social do corpo abjeto em *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira. O trabalho, de caráter qualitativo, é realizado a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito do corpo e de seus aspectos identitários, a teoria *queer* e pressupostos dos estudos culturais e das teorias críticas feministas. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, apoia-se em investigações na área da literatura brasileira contemporânea. A narrativa de Carlos Eduardo Pereira apresenta uma perspectiva distinta do que é considerado cânone literário brasileiro, ao trazer à tona uma vivência muitas vezes ignorada socialmente. Verifica-se, portanto, que o protagonista do romance analisado é invisibilizado de diferentes formas, seja por sua sexualidade e performatividade de gênero, no contexto familiar e em instituições educacionais, ou por sua deficiência física e raça, em diversos âmbitos sociais. Isso também ocorre no contexto narrativo, por ser construído em terceira pessoa. Porém, esse aspecto é necessário, pois demonstra o apagamento da voz de um sujeito visto socialmente somente como um corpo abjeto, objetificado, sendo apenas visível quando em sentimento de pena e não como sujeito digno de valor social.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; *Enquanto os dentes*; corpo abjeto; sexualidade; *queer*.

Abstract

LEBKUCHEN, Jessé Carvalho. **(In)visible bodies: the experience of the social invisibility of the abject body in “Enquanto os dentes”, by Carlos Eduardo Pereira.** 2020. 85 s. Dissertation (Master’s Degree in Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

This dissertation discusses the narrative perspective about homosexuality and analyzes the social (in)visibility of the abject body in *Enquanto os dentes* (2017), by Carlos Eduardo Pereira. The work, of a qualitative nature, is carried out based on bibliographical research, utilizing, for discussions about the body and its identity aspects, the queer theory, assumptions of the cultural studies and the critical feminist theory. In addition, regarding the debate of literary representations and the analysis of the object, it relies on investigations in Brazilian contemporary literature. Carlos Eduardo Pereira's narrative presents a different perspective from what is considered a Brazilian literary canon, when it brings to light an experience that is often socially ignored. It is noted, therefore, that the protagonist of the analyzed novel is made invisible in different ways, either by his sexuality and gender performativity in the family context and in educational institutions, or due to his physical disability and race, in different social spheres. This also occurs in the narrative context since it is written in third person. However, this aspect is necessary, as it demonstrates the erasure of a subject's voice seen socially only as an abject body, objectified, being only visible when in a feeling of pity and not as a subject of social value.

Keywords: contemporary Brazilian literature; *Enquanto os dentes*; abject body; sexuality; queer.

Resumen

LEBKUCHEN, Jessé Carvalho. **Cuerpos (in)visibles: la experiencia de la invisibilidad social del cuerpo abyecto en “Enquanto os dentes”, de Carlos Eduardo Pereira.** 2020. 85 h. Tesis (Maestría en Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Esta tesis discute la perspectiva narrativa de la homosexualidad masculina y analiza la (in)visibilidad social del cuerpo abyecto en *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira. El trabajo, de carácter cualitativo, es realizado a partir de investigación bibliográfica, utilizando, para las discusiones a respecto del cuerpo y de sus aspectos identitarios, la teoría *queer* y presupuestos de los estudios culturales y de teorías críticas feministas. Además, para el debate de representaciones literarias y el análisis del objeto, se apoya en el área de los estudios de la literatura brasileña contemporánea. La narrativa de Carlos Eduardo Pereira presenta una perspectiva distinta de lo que es considerado canon literario brasileño, por señalar una experiencia en mucho ignorada socialmente. Se verifica, así, que el protagonista de la novela analizada es invisibilizado de diferentes maneras, sea por su sexualidad y performatividad de género, en el contexto familiar y en instituciones educacionales, o por su deficiencia física y raza, en diversos ámbitos sociales. Eso también ocurre en el contexto narrativo, por ser construido en tercera persona. Sin embargo, ese aspecto es necesario, pues demuestra el apagamiento de la voz de un sujeto visto socialmente como un cuerpo abyecto, objetificado, algo que uno no quiere serlo, así, solamente visible cuando en sentimiento de pena y no como sujeto digno de valoración social.

Palabras clave: literatura brasileña contemporánea; *Enquanto os dentes*; cuerpo abyecto; sexualidad; *queer*.

Sumário

Ponto de partida	11
1 Identidade, gênero e sexualidade: perpassando fronteiras	13
2 Corpos que (não) importam: a representatividade é (ir)relevante para quem?	23
2.1 Perspectivas narrativas acerca da homossexualidade masculina na literatura brasileira contemporânea	30
3 A invisibilidade narrativa e corporal em Enquanto os dentes, de Carlos Eduardo Pereira	46
Desembarque	79
Referências bibliográficas.....	81

Ponto de partida

Pensando que as representações do gay como personagens centrais da literatura brasileira são aspectos relevantes a serem analisados na atualidade e compreendendo que a construção dessas personagens nas narrativas produzidas na metade final do século XX e na primeira década do século XXI possuem diversas similaridades, tanto nos aspectos físicos quanto nos psicológicos, visamos discutir a perspectiva narrativa acerca da homossexualidade masculina em *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, analisando a (in)visibilidade social do corpo abjeto na personagem principal da obra.

Pretendemos discutir o seguinte problema: como a literatura brasileira contemporânea tem pensado as representações das homossexualidades, quem narra, de que perspectiva e quais são os perfis de suas personagens e de que formas seus corpos influenciam em suas relações sociais e em suas sexualidades; como essas questões aparecem no objeto de estudo?

Para isso, é pertinente teorizar os conceitos de identidade, gênero e sexualidade em perspectivas pós-estruturalistas, discutir a noção de corpo abjeto relacionadas aos aspectos identitários excluídos socialmente, abordar as presenças e ausências identitárias e representativas na literatura brasileira contemporânea e analisar a invisibilidade social do corpo abjeto no romance *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, investigando a perspectiva narrativa e as particularidades na construção de sua personagem.

Esta pesquisa justifica-se por tratar de temáticas que não se enquadram, historicamente, dentro do que se considera cânone literário. Assim, é necessário refletir sobre as motivações que as excluem, marginalizando os debates que tratam de personagens *queer* como protagonistas de suas próprias narrativas. Dessa maneira, ao pensar o contemporâneo, algo que não é estável, muito menos definido, deixa-se de lidar com o que já foi consolidado pelas instituições que decidem o que é literário ou não. A escolha desse autor e obra, portanto, é justificada pela representatividade buscada na construção da personagem e por tratá-la de forma complexa, trazendo elementos que vão além de sua sexualidade e abordando outras temáticas em sua narrativa, tais como o corpo portador de deficiência física, discussões raciais, de gênero e de classe. Ainda, a obra analisada possui pouca

fortuna crítica em meios acadêmicos, necessitando novos estudos e perspectivas leitoras.

O trabalho, de caráter qualitativo, é realizado a partir de pesquisa bibliográfica, utilizando, para as discussões a respeito de gênero e sexualidade, a teoria *queer* e pressupostos dos estudos culturais e das teorias críticas feministas, buscando relações entre elas, tanto de aproximação quanto de distanciamento. Além disso, para o debate de representações literárias e a análise do objeto, este estudo se apoia em investigações na área da literatura brasileira contemporânea.

No primeiro capítulo, iniciamos a discussão sobre conceitos como identidade, gênero e sexualidade, pensando como esses são construídos socialmente e de que forma acabam posicionando os sujeitos de forma central ou marginal. No segundo capítulo, refletimos sobre a não-importância social do corpo abjeto e como esses construtos são ou não representados na literatura brasileira contemporânea. No terceiro capítulo, analisamos *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, refletindo como a condução narrativa aponta a invisibilidade social do corpo abjeto do protagonista.

Escrever sobre homossexualidade, mesmo que academicamente, não é uma tarefa fácil, do ponto de vista pessoal, pois atinge além do eu pesquisador, principalmente, o eu humano. Gostaria de escrever sobre outro assunto. Talvez seria mais leve e, com um distanciamento maior, teria preocupações menores com o resultado. Entretanto, desde que me vi como pesquisador, nos últimos anos da graduação, não consegui me afastar dessa temática e talvez somente nela eu veja propósito na minha escrita. Visto a minha trajetória individual e a de todo um grupo social que me precede e me acompanha, que necessitou e ainda precisa resistir para existir, essa produção não é tranquila em sua completude. Carrego nela todas minhas vivências, as experiências de pessoas que conheci e das que jamais cheguei a ver, das personagens que li, das que analisei e de tantas existências que precisaram e precisam ainda mostrar sua importância.

1 Identidade, gênero e sexualidade: perpassando fronteiras

Tratar de sexualidades é entrar em um campo bastante problemático. Isso deve-se principalmente à compreensão social dada a diferentes conceitos, como *identidade*, *gênero* e *sexo*, que são tomados e passados à frente como verdades históricas. Logo, são pensados no singular: todas as identidades, os gêneros e os sexos são padronizados. Desse modo, qualquer pluralidade ou multiplicidade é transformada em anormal, estranha, diferente; e, ao mesmo tempo, é marginalizada, colocada à parte, excluída, invisibilizada. Fugir desse padrão e questioná-lo passa a ser uma afronta, já que se é algo dado como verídico e factual, não é possível contestá-lo. Neste capítulo, buscamos compreender de que forma esses conceitos estruturam-se socialmente.

De acordo com Jorge Larrosa, no capítulo “Narrativa, identidad y desidentificación”, publicado em *La experiencia de la lectura* (1996), a identidade é composta por intermédio de narrativas, que são produzidas e recebidas no decorrer da vida de um sujeito, ou seja, é uma construção determinada linguisticamente. Assim, é um processo significativo e interpretativo, que resulta de métodos construtivos, imaginativos e compositivos, já que os relatos realizados ultrapassam a experiência vivida por si só, entrelaçando-se a outros textos e aos dispositivos sociais onde são produzidos. Desse modo, as narrativas servem como um meio, influenciado pelo contexto, de formação identitária, que jamais é completa ou finalizada. Trata-se, portanto, de um processo contínuo e permanente, pois

[...] a aventura da autointerpretação é interminável e conduzirá aonde não estava previsto, à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devir, uma metamorfose permanente. E essa metamorfose terá sua partida e força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escritura. Somente lendo (ou escutando) se faz consciente de si mesmo. Somente escrevendo (ou falando) se pode fabricar um eu. Mas nesse processo o que se aprenderá é que ler e escrever (escutar e falar) é pôr-se em movimento, é sair sempre mais além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação do porquê um é. Na leitura e na escritura, o eu não deixa de fazer-se, desfazer-se e de refazer-se. Ao final já não há um eu substancial a descobrir e ao qual ser fiel, senão somente um conjunto de palavras a compor, descompor e recompor¹ (LARROSA, 1996, p. 481, tradução nossa).

¹ “Pero la aventura de la autointerpretación es interminable y conducirá a donde no estaba previsto, a la conciencia de que el yo no es sino una continua creación, un perpetuo devenir, una permanente metamorfosis. Y esa metamorfosis tendrá su arranque y su fuerza impulsora en el proceso narrativo e interpretativo de la lectura y la escritura. Sólo leyendo (o escuchando) se hace uno consciente de sí mismo. Sólo escribiendo (o hablando) se puede uno fabricar un yo. Pero en ese proceso lo que se aprenderá es que leer y escribir (escuchar y hablar) es ponerse en movimiento, es salir siempre más

Essa visão vai contra a ideia de uma identidade pré-definida, que surge de uma essência interior e não é influenciada ou sofre alterações durante as experiências, condição geralmente relacionada somente às identidades subversivas, como se houvesse uma espécie de identidade natural. Dito isso, há um pressuposto de que as que fogem ao padrão foram manipuladas de alguma forma socialmente, em uma ideia de que a cultura – através de diferentes meios – possa criá-las e afastá-las do pensado como original. A obra que analisaremos nesta dissertação desestrutura esse argumento, já que há a informação de que o pai da personagem e outras instituições formativas buscam ensiná-lo a ser um “homem de verdade”, ou seja, essa noção de masculinidade não é uma condição natural.

Autores como Stuart Hall, Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva, na obra *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais* (2014), também percebem a identidade como uma representação realizada por intermédio da linguagem e de sistemas simbólicos. Para ambos os teóricos, ela é regida pela diferença. Aspectos e instituições sociais formativas geram um padrão identitário e definem os demais como diferenças, logo algumas identidades “são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (WOODWARD, 2014, p. 11). Uma das maneiras de evidenciar o modelo a ser seguido culturalmente é através do processo de representação:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p. 17-18).

Essas representações identitárias não são apenas produções de significados inocentes e não-ideológicos que descrevem identidades de pessoas ou grupos sociais tais como são. Ao contrário, são parte de um processo social e cultural que produz os

allá de sí mismo, es mantener siempre abierta la interrogación por lo que uno es. En la lectura y la escritura, el yo no deja de hacerse, de deshacerse y de rehacerse. Al final ya no hay un yo substancial que descubrir y al que ser fiel, sino sólo un conjunto de palabras que componer y descomponer y recomponer” (LARROSA, 1996, p. 481).

sujeitos e suas respectivas posições. Nesse sentido, as identidades acompanham e formam o contexto social em que estão inseridas e, assim, em perspectiva pós-moderna, não são jamais consolidadas. Na realidade, elas são “cada vez mais fragmentadas e fraturadas [...], multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2014, p. 104).

A ordem social é mantida por meio de oposições binárias, supostamente claras e evidentes, que distanciam o “eu” do “tu” e destacam a diferença. Dizer isso supõe um certo grau de consenso social e cultural, já que esses binarismos não são comumente questionados e, quando são, tornam-se um problema. Portanto, tratar da diferença também é um debate amplo e que tem mais de uma perspectiva: pode-se pensá-la como algo negativo, ao excluir e marginalizar grupos sociais vistos como “outros”, ou como aspecto positivo, ao entendê-la como motivo de orgulho, por demonstrar diversidade e multiplicidade (WOODWARD, 2014, p. 50-51).

Entretanto, compreende-se que o dualismo sempre favorece uma identidade em relação a outra e isso será percebido de formas distintas pelo “favorecido” e pelo “prejudicado”. Cabe recordar que o “prejudicado” pode fazer uso das regras do jogo para, também, e de certa forma, favorecer-se. De qualquer maneira, um é norma e o outro é “outro”, ou seja, por meio das dicotomias, mantêm-se as relações de poder:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. [...] A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2014, p. 81).

Logo, os significados produzidos, que nos fazem poder ser algo ou não, são parte de um sistema envolvido por relações que definem quem é incluído e quem é excluído, quem é o centro e quem é a margem. Segundo Hall (2014),

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. Toda identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (HALL, 2014, p. 110).

Sabendo que por trás de quem somos há relações de poder, cabe refletir que instituições fazem parte e de que maneiras elas atuam. Woodward (2014) pensa

essas questões a partir da definição de Bourdieu sobre “campos sociais”, nos quais estão incluídos grupos familiares, instituições educacionais e de trabalho e seus grupos de colegas e autoridades, entre outros. Para a autora, representamos papéis distintos em contextos também distintos:

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo a “mesma pessoa” em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo (HALL, 1997). Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2014, p. 31).

Dessa forma, podemos transitar entre papéis identitários que nos são permitidos, selecionando os que mais nos agradam ou mesmo que nos desagradam, mas que servem como auxílio ou benefício em situações e contextos específicos, como um homem gay portar-se de uma forma mais próxima a heteronormatividade em um ambiente como um estádio de futebol. Todavia, nessa perspectiva teórica, não nos é permitida a ultrapassagem de certas fronteiras pré-determinadas, ou seja, têm-se poder de escolha até onde se permite. Essas barreiras sociais – de gênero, etnia, sexualidade, entre outras – são também uma construção, portanto reflexos históricos e políticos, variando em diferentes momentos temporais.

Assim, identidades diferentes passam a ser vistas como “estranhas” ou “desviantes”. No campo do desejo, “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2014, p. 33). Dessa forma, alguns papéis identitários entram em conflito com as regras culturais. Um casal homossexual, por exemplo, tem menos chances de conseguir adotar uma criança em muitos países e, mesmo ao conseguir, é sempre focado pela sociedade com um outro olhar, que não seria o mesmo direcionado a um casal heterossexual. Logo, mais uma vez as identidades são reguladas e limitadas por relações de poder.

Entretanto, nem todos sujeitos ou grupos de sujeitos aceitam os limites dados pelas fronteiras, transgredindo-as, atravessando-as. Nesses casos, deixam de ser vistos apenas como diferentes e passam a ser uma ameaça à norma. Pode-se perceber isso, por exemplo, ao ver a rejeição existente quando ocorrem mínimas cenas de beijos de relações homoafetivas em novelas da televisão brasileira. A mesma rejeição não ocorre quando um casal heterossexual faz a mesma cena ou quando as personagens gays e lésbicas têm cunho humorístico, com um caráter identitário exótico e estereotipado, desde que essas mesmas personagens também não tenham uma relação afetiva ou sexual. Há uma distinção na própria diferença: algumas diferenças são mais ou menos aceitas em relação a outras.

Alguns movimentos sociais que emergiram na década de 1960 começaram a questionar e enfrentar o estabelecido pelo conjunto político-social tradicional da época, formando grupos que se dirigiam às suas divisões e defendiam as identidades particulares de sua base:

Por exemplo, o feminismo se dirigia especificamente às mulheres, o movimento dos direitos civis dos negros às pessoas negras e a política sexual às pessoas lésbicas e gays. A política de identidade era o que definia esses movimentos sociais, marcados por uma preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada. A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica.” (WOODWARD, 2014, p. 34-35)

Outros movimentos sociais também têm questionado e enfrentado tais imposições, porém de forma distinta. Fazem isso ao compreender que não existem identidades definidas e fixas por essência, sendo elas fluídas e, assim, as diferenças também não seriam iguais e permanentes em todas as eras. Uma dessas vertentes é a teoria queer, que discutiremos no próximo capítulo. Dessa forma, ao lutar por alguma identidade específica poderia se correr o risco de acabar definindo outra identidade fixa que não abrangeria as demais diferenças. Para Woodward (2014, p. 39), “é tentador – em um mundo cada vez mais fragmentado e em resposta ao colapso de um conjunto determinado de certezas – afirmar novas verdades fundamentais e apelar a raízes anteriormente negadas”.

Seja de uma forma ou de outra, tais grupos trouxeram à tona assuntos antes pouco discutidos, já que não eram – e não são – de interesse das instituições de poder

organizadas. Para Silva (2014), esses movimentos teóricos e outros como os migratórios passaram a subverter e complicar a identidade, tornando evidente sua instabilidade, ao mostrar a existência de movimento entre fronteiras, e sua precariedade, indicando que a própria fronteira é frágil.

Aqui, mais do que a partida ou a chegada, é cruzar a fronteira, é estar ou permanecer na fronteira, que é o acontecimento crítico. Neste caso, é a teorização cultural contemporânea sobre gênero e sexualidade que ganha centralidade. Ao chamar atenção para o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, a teoria feminista e a teoria *queer* contribuem, de forma decisiva, para o questionamento das oposições binárias – masculino/feminino, heterossexual/homossexual – nas quais se baseia o processo de fixação das identidades de gênero e das identidades sexuais. A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como *drag-queens*, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de *todas* as identidades (SILVA, 2014, p. 89).

Portanto, para o autor, é necessário ver as questões que abrangem identidade e diferença através de um viés crítico. Ao entender que ambas são produzidas, apaga-se a ideia de que são resolvidas através do diálogo, a fim de chegar a um consenso que seja benéfico para todas as partes, caso houvesse essa possibilidade. Por serem uma produção realizada pelas instituições de poder de cada época e a partir de suas concepções de significado, não são preexistentes ou matérias passivas da cultura, mas constantemente criadas e recriadas. Dessa maneira,

[...] a identidade não é uma essência: não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanentemente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p. 96-97).

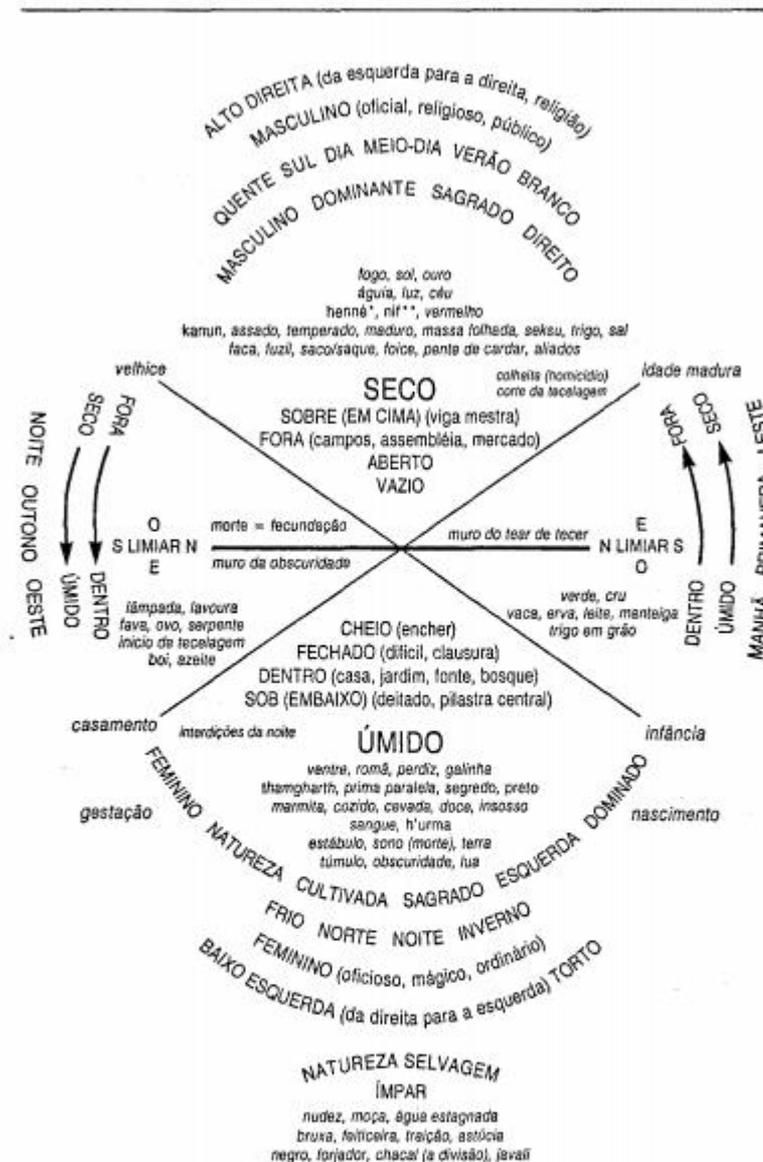
Como forma de repensar tais temáticas, Silva (2014) sugere mudar algumas conceitualizações: em vez de pensar a identidade a partir de suas diferenças, de sua diversidade, pensá-la a partir de sua multiplicidade. Isso explica-se, pois, ao tratar do “diferente”, pode-se cair na tendência de tratá-lo com um olhar de curiosidade, transformando-o no exótico, como algo distante da realidade que nos rodeia. O

diferente nunca é o “eu”, portanto, é o outro, o externo a mim. Ao tratar de multiplicidade, já se compreende que existem muitas identidades e quebra-se o paradigma de uma identidade normativa rodeada de outras anormais.

Aproximar – aprendendo, aqui, uma lição da chamada “filosofia da diferença” – a diferença do múltiplo e não do diverso. Tal como ocorre na aritmética, o múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irreduzíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. A diversidade é um dado – da natureza ou da cultura. A multiplicidade é um movimento. A diversidade reafirma o idêntico. A multiplicidade estimula a diferença que se recusa a se fundir com o silêncio (SILVA, 2014, p. 100-101).

Para Bourdieu, em *A dominação masculina* (2017), também somos afetados pelo conjunto de construções sociais realizados através da oposição entre o masculino e o feminino, criando uma normalidade ou uma representação tratada como natural, que funcionam como “sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2017, p. 17). Assim, “[e]ssa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2017, p. 17). Portanto, os corpos são em sua origem social sexuados e isso impõe limites que devem ser seguidos em todos os atos culturais, incluindo aqui a relação com o próprio corpo como indivíduo.

Como em toda relação de oposição, o dominante é não-marcado, pois é visto como original, enquanto o não-dominante é marcado, por ser o estranho, o que foge dos limites preestabelecidos. Isso é percebido no gênero, por essa dominação fazer com que pensemos socialmente que as características masculinas são naturalmente acima ou mais fortes que as femininas, como se o feminino dependesse, em sua existência, do masculino. Para ilustrar, utilizamos o esquema de Bourdieu (2017):



Esquema sinóptico das oposições pertinentes

Pode-se ler este esquema seguindo as oposições verticais (seco/úmido), alto/baixo, direita/esquerda, masculino/feminino), ou os processos (por exemplo, os do ciclo da vida: casamento, gestação, nascimento etc. ou os do ano agrário) e os movimentos (abrir/fechar, entrar/sair etc.).

* henné (pó colorante, amarelo ou vermelho, usado nos países muçulmanos para tintura dos cabelos e sobrancelhas) (N.T.)
 ** níf (ponto ou questão de honra) (N.T.)

Figura 1 – Esquema sinóptico das oposições pertinentes (BOURDIEU, 2017, p. 19).

Salientamos que as características dadas primeiramente ao masculino não exigem justificativas socio-discursivas, ou seja, são assim por natureza, porque “sempre foi assim”. Da mesma forma, o feminino é trazido naturalmente como oposição ao masculino, somente por isso já é visto como dependente de, por isso, dominado. Como qualquer tipo de dominação, essa não é percebida da mesma maneira por todos os indivíduos e é um processo contínuo de violências simbólicas.

Ou seja, para manter essa estrutura em funcionamento, é preciso que ambas as partes se conscientizem de suas “posições” e que as mantenham, sem questionamento. Dessa forma, o masculino incorpora sua posição privilegiada, de provedor, de matriz, e o feminino sua posição de submissão, de receptor, de mantenedor; aspecto visível na relação dos pais de Antônio, protagonista de *Enquanto os dentes*.

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (BOURDIEU, 2017, p.45).

Ao tratá-la como uma violência simbólica, Bourdieu (2017) não pretende diminuir ou apagar as variadas formas de violência física que estão presentes em nossas sociedades. Sendo assim, simbólico não é o oposto de real, mas como essa realidade é camuflada de uma maneira não percebida como uma construção recorrente, mantendo-se através de reprodução cultural por “agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado” (BOURDIEU, 2017, p. 46).

Essa dominação é reforçada quando perpassa as sexualidades desviantes. Ao tornar os sujeitos invisíveis socialmente, negando e questionando suas existências, mostra-se uma forma de poder diferente, que pode ser visível ou não. Resta aos indivíduos se encaixarem nos padrões, sofrendo essa violência simbólica, desrespeitando e fugindo de seus desejos, assimilando-se, ou buscarem saídas de resistência e sofrer violências mais explícitas, mas que ao mesmo tempo segue os princípios anteriores, pois quanto mais próximo à norma mais assimilado socialmente o sujeito ex-cêntrico é. Por outro lado, cria-se um outro tipo de violência, de caráter

distinto, pois os sujeitos que não assumem abertamente um posicionamento sobre suas sexualidades também são estigmatizados.

2 Corpos que (não) importam: a representatividade é (ir)relevante para quem?

Em outra perspectiva, Judith Butler é uma das teóricas feministas que tem desenvolvido as temáticas de identidade, gênero e sexualidade de forma transgressora ou subversiva. Para a autora, é preciso questionar as imposições dadas sobre tais assuntos que, para ela, em outra perspectiva, fazem parte da *performatividade*. Entretanto, Butler (2019b) ressalta as dificuldades de enquadrar um sujeito, ao abordar o sujeito da teoria feminista, problemático até mesmo para quem se propõe pesquisar e defender subversivamente:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2019b, p. 21).

Dessa maneira, é impossível, e até indesejável, constituir um sujeito universal, mesmo quando em resistência às relações de poder, já que esse é um construto discursivo e performativo. Afinal, construir um novo sujeito em oposição ao outro, seria também uma nova forma de imposição, que excluiria a multiplicidade dos demais sujeitos existentes. Entretanto, para a autora, é imprescindível questionar as noções binárias instituídas nas relações sociais e culturais, mas não de forma descontextualizada de outras constituições como classe, raça, etnia etc.

No decurso desse esforço de questionar a noção de “mulheres” como sujeito do feminismo, a invocação não problematizada dessa categoria pode *impedir* a possibilidade do feminismo como política representacional. Qual o sentido de estender a representação a sujeitos cuja constituição se dá mediante a exclusão daqueles que não se conformam às exigências normativas não explicitadas do sujeito? Que relações de dominação e exclusão se afirmam não intencionalmente quando a representação se torna o único foco da política? A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de “representação” só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito “mulheres” não for presumido em parte alguma (BUTLER, 2019b, p. 25, grifo da autora).

A partir da (in)definição do sujeito, Butler discute os conceitos de “sexo” e de “gênero”. Para a autora, ambos são construções culturais, considerando-os intrínsecos. Assim, ser homem não estaria relacionado exclusivamente ao corpo

masculino e ser mulher ao corpo feminino, como carregam os discursos sociais. Dessa forma, a autora mostra que os dois termos acabam referindo-se a mesma coisa, sendo ambos “artifícios flutuantes” (BUTLER, 2019b, p. 25-28). Ao tratar o sexo, ou o corpo biológico, e o gênero como construtos discursivos, pode-se questionar como ambos são presos e fixados na cultura, ou seja, como podem ou não serem performados. Igualmente aos outros aspectos da identidade, o gênero possui fronteiras extremamente estabelecidas socialmente por meio de discursos de poder que se baseiam em estruturas binárias apresentadas como racionalidade universal (BUTLER, 2019b, p. 29-31). Dessa maneira, práticas reguladoras produzem identidades próximas ao centro, à matriz, fazendo com que os “desvios” de gênero ou sexualidade pareçam ser “meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2019b, p. 44). Portanto, existem discursos que regem a norma e que criam o que é diferente e os limites dessas diferenças.

Entretanto, sujeitos que contrariam o discurso hegemônico seguem existindo e suas resistências expõem e criam oportunidades de criticar os limites e os objetivos desses campos reguladores e “consequentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero” (BUTLER, 2019b, p. 44). Salih (2015) ao tratar das possibilidades de subversão, exemplifica:

Do modo como Butler vê as coisas, se decidíssemos ignorar as expectativas e as limitações impostas pelos amigos, colegas, etc., “vestindo um gênero” que por alguma razão fosse contrariar aquelas pessoas que têm autoridade sobre nós ou de cuja aprovação dependemos, não poderíamos simplesmente *reinventar* nosso guarda-roupa de gênero metafórico, tampouco adquirir um guarda-roupa inteiramente novo (e mesmo que pudéssemos fazer isso, obviamente estaríamos limitados pelo que estivesse disponível nas lojas). Em vez disso, teríamos de alterar as roupas que já temos para indicar que não as estamos usando de um modo “convencional” – rasgando-as ou pregando-lhes lantejoulas ou vestindo-as viradas ou do avesso. Em outras palavras, a nossa escolha de gênero, tal como a nossa escolha do tipo de subversão, é restrita – o que pode significar que não estamos, de maneira alguma, “escolhendo” ou “subvertendo” nosso gênero (SALIH, 2015, p. 73).

Desse modo, mesmo ao pensar estar subvertendo, ainda somos guiados e estamos abaixo de relações de poder que definem o que se pode ou não fazer. Logo, mesmo a “liberdade” em escolher ou subverter o gênero ou a sexualidade é limitada. A teoria *queer* também vê a necessidade de discutir e combater o que é dado e imposto como norma. Entretanto, ao fazer isso não busca definir outra norma, com o

intuito de agregar os excluídos e marginalizados. Sendo assim, “o *queer* não está preocupado com definição, fixidez e estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação” (SALIH, 2015, p. 19). Desse modo, aproxima-se da teoria de Butler ao questionar a busca por um sujeito epistemológico universal, rompendo as noções pressupostas e empreendendo “uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘generificadas’” (SALIH, 2015, p. 20).

A partir dessa visão, Louro (2018), ressaltando em um de seus ensaios a proposta discutida por Butler, trata o *queer* como um viajante entre fronteiras simbólicas. Como em uma viagem literal, as pessoas têm diferentes motivos e objetivos, diferentes tempos e, ainda, distintas repressões e restrições, podendo “se caracterizar como um ir e voltar livre e descompromissado ou [...] se constituir num movimento forçado, numa espécie de exílio” (LOURO, 2018, p. 19).

De um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Atravessam fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las. Muitos permanecem referidos à via mestra, mesmo que pretendam recusá-la e “partir pra outra”... Sua recusa nem sempre é crítica, contundente ou subversiva; por caminhos transversos, sua recusa pode acabar reforçando as mesmas regras e normas que pretendeu negar (LOURO, 2018, p. 19).

Segundo a autora, tais fronteiras são também locais de relação, possibilitando encontros, cruzamentos e conflitos. Ao mesmo tempo que separam sujeitos e grupos identitários opostos, unem os múltiplos sujeitos “diferentes” que não se encaixam num lugar ou em outro; formam-se assim novos grupos, geralmente transgressivos e subversivos, que enfrentam o policiamento constantemente, “não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia” (LOURO, 2018, p. 20). É o caso da *drag queen* que, ao “imitar” o feminino de forma paródica, acaba muitas vezes criticando e revelando de forma escancarada a construção dos gêneros, atuando como uma espécie de “nômade”:

Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A *drag* é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno (LOURO, 2018, p. 20-21, grifo da autora).

Quanto à sexualidade, é possível pensar também os sujeitos como “nômades”, ao notar que muitos deles frequentemente “recusam a fixidez e a definição das fronteiras, e assumem a inconsistência, a transição, e a posição ‘entre’ identidades como intensificadores do desejo” (LOURO, 2018, p. 21-22). Portanto, nessa perspectiva pós-moderna, não é o “fim” da viagem que institui o significado de quem somos, mas o percurso e o trajeto que constituem uma experiência ampla e importante. Isso será analisado no objeto desta pesquisa, pois a narrativa trata-se diretamente de uma viagem, tanto literal, por Antônio estar em deslocamento, quanto simbólica, por ser o ponto de fechamento e abertura de um ciclo. Essa visão baseia-se na noção de performatividade defendida por Butler. Para a autora, desempenhamos atos performativos de gênero que se iniciam no nascimento dos sujeitos, corpos que são discursivamente construídos:

Haverá humanos que não tenham gênero desde sempre? A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”. Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna de seu gênero, como se o gênero fosse um pós-escrito ou uma consideração cultural posterior? (BUTLER, 2019b, p. 193-194).

Assim, ao dizer-se socialmente que os conceitos não são construções, que são anteriores à cultura e já existentes “desde sempre” na natureza, permite-se justificar uma série de estabelecimentos de regras sociais, como se elas fossem naturais, enquanto todo o restante seria uma construção, uma disputa contra a natureza. Ou seja, as identidades que demonstram as lacunas ou as falhas na estrutura de poder social precisam ser combatidas, a fim de mantê-la. Pode-se perceber, aqui, que tais sujeitos são tomados como abjetos, ou seja, não desejáveis, que necessitam ser deixados ou jogados para fora, excluindo-os:

O “abjeto” designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente “Outro”. Parece uma expulsão de elementos estranhos, mas é precisamente através dessa expulsão que o estranho se estabelece. A construção do “não eu” como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito (BUTLER, 2019b, p. 230).

Essa definição de Butler é reiterada na obra *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo* (2019a):

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (BUTLER, 2019a, p. 18).

Coimbra (2018) destaca como o abjeto nem mesmo é reconhecido como sujeito, como uma identidade permitida, mas como um objeto a ser combatido, algo que não deve existir, pois evidencia ou um excesso ou uma falta à norma:

Refletir sobre o abjeto é refletir sobre um paradoxo: ele tanto pode significar um excesso quanto uma falta. Em ambos os casos ele é visto como aquilo que desequilibra e desordena fronteiras, principalmente as da sexualidade. Quando excessivo, o abjeto é aquilo que ultrapassa limites e abala a ordem. Quando é falta, é sempre um *devenir*: *devenir*-humano, *devenir*-sujeito, *devenir*-homem, jogando com a construção do “eu” e seu reconhecimento enquanto “ser”. O abjeto paira, portanto, numa zona indecisa, isto é, gravita em torno de um eterno *tornar-se*, e nunca se constitui em *sujeito*. Enquanto ser limiar, o abjeto não é considerado sujeito, mas uma coisa, um objeto, um “monstro” (COIMBRA, 2018, p. 67, grifos do autor).

Entretanto, a existência do abjeto é necessária para a manutenção da norma, pois como visto anteriormente, ela só se constitui a partir do diferente. É preciso existir sujeitos que não são reconhecidos socialmente como identidades para que as mais próximas aos padrões sejam validadas, afastando-se do abjeto, tendo assim um referencial do que não devem ser para conseguir o aceitação e não passar também pelo processo de excreção. Nesse sentido, as sexualidades desviantes não são vistas de forma abjetificada diretamente em suas práticas, mas em toda a construção social que demonstra qualquer possibilidade identitária que remeta à homossexualidade. Não é somente o ato sexual gay que carrega a abjeção, mas também os traços identitários que são indicados a esse ser monstruoso, pecador. Sendo assim, para a masculinidade, demonstrar afeto, emoções e ações voltadas ao feminino, ou seja, ao dominado, é visto como algo a ser combatido para preservar-se. Ao mesmo tempo, é preciso destacar essa posição de dominação, seja por colocar-se em hierarquias em relação a outros homens heterossexuais ou ridicularizar sujeitos que evidenciam suas homossexualidades.

Porém, salientamos que a noção de corpo abjeto teorizada por Butler não é restrita ao gênero e/ou à sexualidade, como abordado no texto “Como os corpos se

tornam matéria: entrevista com Judith Butler”, realizada por Baukje Prins e Irene Costera Meijer (2002): “Entretanto, prevenindo qualquer mal-entendido antecipado: o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como “não importante” (BUTLER, 2002, p. 161). Em *Enquanto os dentes*, tem-se, pelo menos, três características corporais abjetas em Antônio: sua raça, sua condição física e sua sexualidade; retomaremos na análise. A teórica prossegue dando exemplos mais concretos do que são os corpos abjetos:

Poderia enumerar muitos exemplos do que considero ser a abjeção dos corpos. Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidos como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. [...] Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma produção do abjeto. Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real (BUTLER, 2002, p. 162).

Em um processo de assimilação, sujeitos que se identificam como homossexuais vivem o que Eve Sedgwick (2007) trata como a “epistemologia do armário”, elemento formativo que condiciona como eles devem atuar socialmente para não serem objetos de abjeção.

Aquele trem de imagens dolorosas estava eivado da especificidade epistemológica da identidade e da situação gay em nossa cultura. Ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões. O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas, pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta – sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia “sair do armário” como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia “sair” como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeira de rodas ou gordo. De qualquer maneira, uma identidade judia ou cigana (por exemplo) e, portanto, um segredo ou armário judeu ou cigano seriam diferentes das versões distintamente gays dessas coisas em sua clara linearidade ancestral, nas raízes (por mais tortuosas ou ambivalentes) da identificação por meio da cultura originária que cada indivíduo tem (no mínimo) na família (SEDGWICK, 2007, p. 32).

A autora afirma que o armário é uma condição da homossexualidade, mesmo quando os sujeitos assumem sua sexualidade abertamente, pois “[m]esmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEGDWICK, 2007, p. 22). Isso ocorre, pois, cada novo encontro com interlocutores desconhecidos “constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição” (SEGDWICK, 2007, p. 22). Notamos isso na obra a ser analisada, pois Antônio vive sua homossexualidade fora do armário com seus amigos próximos, mas ainda possui, entre outros, o armário familiar, que é silenciado por seu contexto social.

Sedgwick (2007) aponta, ainda, para outros aspectos recorrentes nesse local simbólico, fronteiro: a dúvida e a incerteza imposta se realmente o sujeito é homossexual ou se é uma fase ou uma descoberta; a surpresa e o silenciamento como uma forma de violência ou justificativa desta; o medo da revelação e a sustentação do segredo como forma de proteção; a visão de que o preconceito e a homofobia é sinal de uma homossexualidade reprimida; a ausência ou o apagamento de história, cultura e fraternidades, necessitando uma construção identitária individual e solitária; a relação da sexualidade diretamente com a noção binária de gênero, ou seja, um homem gay necessariamente precisa ter uma postura mais próxima ao feminino e uma mulher lésbica ao masculino, etc. Sendo assim, o armário também acaba por servir como uma forma de disciplina identitária. Os corpos homossexuais são regrados, dessa forma, externamente e internamente. A abjeção, portanto, é mantida discursivamente:

A cultura, em todas as formas de discurso, do jurídico ao científico, e dos meios de comunicação, ajuda na produção do "abjeto" como um tipo de diferenciação na qual se confina o excluído. O excluído é produzido no discurso: seu lugar é o silêncio que, em termos sociais muito concretos, realiza-se na iniústa de não poder existir. Essa diferenciação precisa ser analisada e desmontada. Somente aí é que algo como a liberdade de existir como se é entrará em cena. Não apenas porque existem muitas pessoas fora das classificações, mas porque é preciso desmontar as classificações para dar lugar à expressão singular contra todo um campo da experiência silenciada e, assim, proibida de existir ou condenada à morte (TIBURI, 2016, p. 11).

Compreende-se, desta forma, que tais questões estão imbricadas pelos discursos produzidos, sendo um processo linguístico-cultural que não surge do nada

e não se mantém ao acaso. A linguagem “pressupõe e altera seu poder de ação sobre o real por meio de atos elocutivos que, repetidos, tornam-se práticas consolidadas e, finalmente, instituições” (BUTLER, 2019b, p. 202). Sendo assim, falar é um ato de poder, pois ao mesmo tempo em que o discurso normativo se institui outras vozes desprezadas soam, fragmentando-o, demonstrando brechas possíveis, mesmo que essas sejam ou busquem ser silenciadas.

2.1 Perspectivas narrativas acerca da homossexualidade masculina na literatura brasileira contemporânea

Segundo Regina Dalcastagnè, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), as narrativas literárias nacionais realizadas na contemporaneidade seguem os mesmos padrões desenvolvidos durante os séculos anteriores, desde que possui o interesse de buscar por uma identidade brasileira, sendo produzidas nos mesmos espaços, que acabam apresentando somente uma perspectiva do país, que é patriarcal, cristã e com raízes europeias. Considerando seu estudo quantitativo das produções realizadas nas principais editoras do mercado brasileiro nos últimos anos do século XX e na primeira década do século XXI, a amostra literária é predominantemente produzida por homens, heterossexuais, brancos e provenientes de classes sociais superiores, bem como suas personagens.

Logo, quaisquer escritas realizadas de outros locais e por outras vozes são vistas como desconfortantes e, ao mesmo tempo, excluídas dos debates críticos e acadêmicos. A autora sugere, portanto, que questionemos os valores que transformam um texto em literário ou não, ou seja, os fundamentos teóricos que servem como ferramenta de censura.

Afinal, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, o que significa que determinadas produções estão excluídas de antemão. São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão. Essas vozes que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantêm de pé, a que e a quem servem... Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são segudas, quebradas ou reconquistadas, e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando

de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 12).

Ao mesmo tempo em que essa literatura aponta a presença de certos sujeitos singulares, demonstra uma ausência múltipla, de mulheres, negros e negras, indígenas, LGBTQ+, entre tantos outros.

Quando se afirma que algo é invisível, a situação é, de algum modo, tornada objetiva. Ser invisível seria a qualidade de um objeto (uma pessoa, um grupo de pessoas). Mas, talvez, o reverso da invisibilidade seja justamente a dificuldade de enxergar. Passaríamos, então, da pretensa objetividade de uma situação, para o problema da subjetividade do observador. É *e/e*, o observador (que somos cada um de nós, nossos escritores preferidos, nossos melhores narradores) que escolhe (obviamente imerso em sua própria experiência, de classe, de gênero, de vida) o que quer, o que pode (o que queremos, o que podemos) *ver*. Por isso mesmo, não nos bastaria mapear as personagens dos romances, seria preciso saber também quem eram seus(uas) autores(as). Se negros e pobres apareciam pouco como personagens, como produtores literários eles são quase inexistentes. A partir dessas ausências, foram-se constatando outras, entre as personagens mesmo – das crianças, dos velhos, dos homossexuais, dos deficientes físicos e até das mulheres. Se eles estão pouco presentes no romance atual, são ainda mais reduzidas as suas chances de terem voz ali dentro. Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média... (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 148, grifos da autora).

De acordo com a autora, entendemos que, atualmente, se faz necessária uma visão ampla em relação à literatura, considerando além da obra em si. Afirmar que a autoria não é importante, como muito têm-se feito na academia, mantém a invisibilidade demonstrada na construção de personagens, porém, nem sempre percebida. Como preocupar-se com as representações realizadas se não há vozes que possam trazer à tona diferentes perspectivas, ou seja, não há representatividade? De qualquer maneira, é evidente que a visão de imparcialidade na área serve como impulso para que os mesmos locais de fala sejam produzidos e reproduzidos.

Focando nos aspectos que envolvem o gênero e a sexualidade de autores e personagens de sua pesquisa, percebe-se que é majoritariamente masculina e heterossexual. As personagens homossexuais ou bissexuais aparecem de forma mais considerável na escrita de autores mais jovens, em comparação com os demais. No entanto, algumas características nessas construções são interessantes. Quando as sexualidades marginais são retratadas, não há indício de raça ou cor como fator relevante, como se somente a orientação sexual já fosse o suficiente para a discussão. Nesse viés, as vivências seriam similares, ou seja, ser uma pessoa homossexual branca, negra ou indígena estaria em um mesmo contexto de experiência social, com

os mesmos desafios e realidades. Além disso, as narrativas carregam em suas construções de personagens homossexuais o fator doença como uma característica constante, principalmente ligadas a enfermidades relacionadas à sexualidade, como a aids, que é vista como “elemento recorrente de um universo ficcional que ainda situa os homossexuais masculinos como ‘grupo de risco’” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 186).

É interessante ainda salientar um dado importante para esta pesquisa: não há nenhuma ocorrência de personagens homossexuais e bissexuais como deficientes físicos na lista de obras analisadas pela teórica, mesmo que essa seja uma característica percebida em personagens heterossexuais e, em sua maioria, assexuais (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 186). Isso possibilita pensar que mesmo quando se trata de relações heteronormativas são reforçados os estereótipos, inclusive de que não é possível exercer uma vida sexual ativa ao portar uma deficiência física. Esse é um elemento a ser refletido posteriormente, visto o objeto de pesquisa tratar de uma personagem homossexual e portadora de deficiência física.

Beatriz Resende afirma em *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI* (2008) que a globalização e o maior acesso às tecnologias servem para um aumento da multiplicidade na escrita literária, produzidas com qualidade em espaços e por pessoas que antes não tinham oportunidade e que não aguardam pela legitimação prévia da academia mas, ao mesmo tempo, também acabam por criar novos dominantes culturais homogêneos, que apontam conflitos com uma possível pluralidade. Para a autora, essa situação não é extrema, pois abre possibilidades de mesclar as duas vertentes, em uma visão cultural híbrida. Dessa forma, as fronteiras são locais importantes, pois “[e]ntre centro e margens aparecem olhares oblíquos, transversos, deslocados que terminam por enxergar melhor” (RESENDE, 2008, p. 20), possibilitando o uso de recursos que trazem perspectivas múltiplas em discursos contra-hegemônicos.

Assim a multiplicidade da nossa literatura aparece como fator positivo, original, reativo diante das forças homogeneizadoras da globalização. De algum modo, esse pluralismo – que se constitui por acúmulo de manifestações diversas e não pela fragmentação de uma unidade prévia – garantiria várias vozes diferenciadas em vez de sonoridades em eco ou mero acúmulo reunido sem critério (RESENDE, 2008, p. 20).

É necessário que, de alguma forma, as representações realizadas na literatura e as vozes que as produzem sejam múltiplas, já que, como vimos anteriormente, as

identidades não são singulares e, da mesma forma, as vivências e perspectivas sociais também não podem ser reproduzidas de maneira unitária.

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 20).

Escritas divergentes expõem possibilidades de representações distintas, que se aproximem de uma pluralidade, distanciando-se da voz única que pensa narrar tudo e todos de uma mesma forma. Se já fosse mostrado tal aspecto em narrativas de origem central e, ao mesmo tempo, houvesse o mesmo grau de importância literária para vozes marginais, essa seria uma problemática ultrapassada, pois estaríamos indo ao encontro de uma suposta igualdade. Entretanto, como percebido nos dados de Dalcastagnè (2012) e até mesmo em percepções individuais e coletivas de acervos literários em bibliotecas, leituras indicadas em contextos acadêmicos, entre outros, nota-se que essa realidade ainda está distante. Portanto, ainda é necessário questionar quem está produzindo literatura, de que formas e para que público-leitor.

Nesse sentido, é importante que autores heterossexuais de classe média-alta reflitam e continuem trazendo em seus textos diferentes vozes narrativas e representações em suas personagens. Isso torna-se um problema quando só há espaço para esse mesmo padrão de autoria. Djamila Ribeiro, em *O que é lugar de fala?* (2017) discute isso ao entender que a visão de que não importa quem fala e sobre quem perpetua os mesmos padrões e que se faz necessário a busca por outras falas, já que

[o] lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora de poder [...]. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva (RIBEIRO, 2017, p. 69-70).

Isso vai de encontro com as sexualidades que fogem ao padrão, mas que não são trazidas em sua pluralidade. De acordo com Trevisan (2018), ser homossexual

e/ou brasileiro vai além de identificar-se, pois leva em consideração um conjunto de significações que são realizadas a partir dessa identificação, quase sempre guiada por um exotismo ou desconhecimento. O sistema social atua de forma distinta em cada época, sendo por vezes mais flexível e, por outras, autoritário e restritivo, mas sempre com interesses maiores, que estão distantes ou até mesmo contrários à busca por uma suposta igualdade:

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim [...]. A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais (TREVISAN, 2018, p. 21-22).

Sendo assim, a forma de existir de cada sujeito também varia, pois em uma época existirá maior repressão e, logo, existirão mais atitudes subversivas, já em outras épocas de maior permissividade há uma tendência de entender que as melhorias existentes são aceitáveis para o momento. Isso mostra que é impossível e até mesmo indesejável criar um padrão de sexualidade para encaixar todos os sujeitos de todas as épocas e representá-los, como se insiste em buscar, mostrando que pessoas diferentes têm vivências e identidades únicas e distintas. A criação de significações conclusivas sobre a homossexualidade “acabaria servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade, inclusive por incentivar diretamente a política do gueto, do separatismo e do racismo sexual, numa discriminação às avessas” (TREVISAN, 2018, p. 35). Ainda, para o autor, essa incerteza ou ambiguidade faz parte do ser homossexual:

Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante (TREVISAN, 2018, p. 42).

Com esses pressupostos, pode-se questionar o quanto as visões do outro acabam carregando muitas vezes estereótipos e as mesmas possibilidades de vivências. Entretanto, esse aspecto não deve ser descartado totalmente mesmo ao analisar uma voz que seja representativa do ponto de vista autoral, ou seja, um autor homossexual que escreve sobre vivências homossexuais não pode ser considerado

como um novo padrão a ser seguido, sendo lido somente em sua individualidade e em seu lugar de fala, que será distinto de outras perspectivas, devido à multiplicidade identitária.

Assim, reflete-se o que já está consolidado como cânone nas obras que tratam sobre a homossexualidade masculina na literatura brasileira. Tomando trabalhos já produzidos sobre o assunto, como os de Warley Matias de Souza, na dissertação *Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras* (2010), Thiago Ianez Carbonel, na tese *Homoerotismo e marginalização: construções do universo homoafetivo masculino na literatura brasileira contemporânea* (2012), Antonio de Pádua Dias de Silva (2014), no artigo “A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si” e Anselmo Peres Alós, no livro *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade* (2017), percebe-se que há alguns autores que aparecem constantemente, como Adolfo Caminha, no século XIX, e Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago e João Gilberto Noll, durante o século XX e, no caso dos dois últimos, com continuidade no século XXI.

Bom Crioulo (1895), romance de Adolfo Caminha, foi “recuperado” um século depois de sua publicação por ativistas LGBT e por professores universitários que passaram a considerar o livro como o “primeiro romance brasileiro com um negro como protagonista que também trata aberta e explicitamente da homossexualidade masculina” (GREEN, 2019, p. 7-8). A descrição da homossexualidade feita por Caminha é refém da linguagem que reflete as posturas de um escritor naturalista. Ao mesmo tempo, em contrapartida, pode ser tomado como “moderno”, posto que familiar ao leitor atual. O personagem central, Amaro, não é um “heterossexual seduzido por homem efeminado nem é um *fresco* feminino”. De modo paralelo, Aleixo, o parceiro de Amaro, muda suas práticas sexuais, por conta da maleabilidade da orientação sexual na juventude, pois mantém relações sexuais com Carolina. Assim,

mesmo preso até certo ponto aos discursos médicos, legais e científicos sobre a homossexualidade que circulavam no Rio de Janeiro quando escrevia seu romance, que identificavam apenas homens efeminados ‘sexualmente passivos’ como pederastas ou homossexuais, Caminha reconheceu uma gama maior de comportamentos sexuais que muitos homens eram capazes de viver e gozar (GREEN, 2019, p. 19).

Adolfo Caminha, de todo modo, abre espaço para que uma “subjetividade homossexual”, a despeito de sua precariedade, não seja vista como paixão doentia, desequilibrada, mas como uma paixão humana, uma sensibilidade que se inscreve na

textualidade das obras literárias do Brasil. De outra parte, é inegável que *Bom Crioulo* continua sendo uma “perturbação” no nosso cenário cultural, pois alerta para outras ausências em nossa literatura, tanto a do século 19 quanto a de hoje, que não dá espaços para personagens como Amaro, para corpos, em outros tantos sentidos, abjetos.

Afinal, além de gay, ele é negro e trabalhador braçal. Juntam-se aí três características que, isoladas, já seriam suficientes para torná-lo invisível nos discursos predominantes que circulam pelos mais variados espaços sociais. No discurso literário, uma personagem com essas marcas de classe, raça e orientação sexual poderia até compor o pano de fundo de alguma narrativa, como representante de uma “diversidade” que é necessário reconhecer. De resto, o centro da cena, lá onde as coisas acontecem e fato, ainda hoje permanece ocupado por homens e mulheres brancos, heterossexuais, de classe média ou da elite econômica, vinculados ao universo intelectual. Nos romances brasileiros contemporâneos, em especial aqueles publicados pelas editoras mais prestigiadas e que obtêm maior impacto entre o público e a crítica, são raros os protagonistas negros, raros os protagonistas homossexuais, raros os protagonistas trabalhadores. Por isso mesmo, o estranhamento que o leitor sente ao ler o livro permanece, mais de cem anos depois de ter sido escrito (DALCASTAGNÉ, 2019, p. 155-156).

As manifestações de homoerotismo na literatura brasileira têm ainda como referências, para o final do século 19 e início do século 20, obras como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, em que aparecem os “protetores”, meninos mais fortes que abrigam outros meninos, mais “fracos” ou efeminados; cabe referir ainda, tratando-se da homossexualidade feminina, a “iniciação” de Pombinha pela “cocote” Léonie, em *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, ou ainda *Luzia Homem* (1903), de Domingos Olímpio, menina que desde cedo foi acostumada a se vestir como homem para ajudar o pai no trabalho. O que se constata depois, já considerando *Bom Crioulo* como um marco, é uma produção esparsa, em que vida e obra se confundem, como é o caso do “dândi” João do Rio; ou então a presença de certos elementos muito sutis, como ocorre nos contos “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade, e em “O iniciado do vento”, de Aníbal Machado.

Outras referências, agora já assinaladas a partir do Estado Novo getulista, incluem o romance *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado. Trata-se de romance sobre um grupo de meninos de rua que furtava para sobreviver; os meninos trocam carícias e fazem sexo, como antídoto contra a solidão, a miséria e o abandono. Não pode ser excluído deste rápido panorama o travesti Timóteo, encarcerado por conta de sua homossexualidade, no romance *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso. Antes dos anos 60, cabe citar um marco da literatura brasileira: *Grande*

Sertão: Veredas (1956), de João Guimarães Rosa. O amor de Riobaldo por Diadorim atravessa o texto por completo; é amor de um homem por outro, pois Riobaldo se enreda por um outro jagunço, mesmo que, ao término, num momento de revelação, Diadorim se mostre em “corpo de mulher”, uma “moça perfeita”.

Os anos 60 “foram propícios para uma revolução comportamental”, reflexo não só da pílula anticoncepcional, dos Beatles, da minissaia, da guerra fria, mas, fundamentalmente, de todo um conjunto “rebelde”, por assim dizer, da contracultura. Mas este não é nosso tema. Quanto à homossexualidade, podemos indicar duas obras para o período, produções de difícil acesso. Trata-se dos livros assinados por Gasparino Damata, que organizou as antologias *Histórias do amor maldito* (1965) e *Poemas do amor maldito* (1967). Outros dois autores que referem a homossexualidade na década de 60, mas de forma dispersa, pontual (considerando o conjunto da obra) são Rubem Fonseca e Dalton Trevisan. Do primeiro, extraído do conto “O encontro e o confronto”, do livro *Lúcia McCartney* (1967), temos personagens que concluem: “É uma pena nós não sermos homossexuais. Essas putas não sabem entender o nosso *wit*” (CARVALHO, 2003, p. 35). De Dalton Trevisan, cabe referência ao conto “Paixão segundo João”, do livro *A guerra conjugal* (1969). Trata-se da história de João e Pedro, amigos inseparáveis, que praticam uma dedicação plena:

Pedro caiu doente com febre e, para tratar dele, João instalou-se no mesmo quarto da pensão: o outro sobreviveu graças aos seus cuidados. No delírio era consolado pela mão fria do amigo em carícia furtiva na sua testa escaldante. Era João que banhava o seu corpo enlanguescido de fraqueza e divertia-se o outro ao vê-lo ruborizar quando lhe esfregava as partes secretas. Pedro sentava-se na cama a tossir e o amigo, a afofar-lhe o travesseiro, não se afastava, nem sequer voltava o rosto para o lado (TREVISAN, 1969, p. 124).

No entrecho, forma-se o triângulo amoroso, com a presença de uma ansiosa Maria, que se casa com Pedro e descobre, finalmente, que o marido pertencia a outro homem:

Para desgraça maior a moça encontrou-se grávida. Entretinha-se com João e ficavam ambos à espera do marido ausente, ela a tricotar o primeiro sapatinho de lá, ele de mão gélida a retorcer os longos dedos nervosos. Bem que ela o amava, reconheceu Maria, e ao vê-lo triste e sofrido – grisalho aos trintas anos! -, agarrou-lhe suspirosa a mão:
 - Eu estou louca. Estou disposta a tudo com você. Deite comigo. Eu deixo você fazer tudo o que quiser. Por favor, não me despreze.
 Sorriso pálido, João foi delicado, mas firme:
 - Não pode ser... Me perdoe. Você é dele.
 Ela beija-lhe a mão, enxuga as lágrimas e apanha desajeitada as suas agulhas. João volta à janela e, afastando uma ponta de cortina, procura ao longe o vulto do amigo perdido (TREVISAN, 1969, p. 129).

A clássica “ambiguidade” da literatura brasileira quanto ao tratamento do tema da homossexualidade pode ser vista ainda em outro conto de Dalton Trevisan, “Eu, bicha”, do livro *O pássaro de cinco asas* (1974). Tal produção já pode ser enquadrada no amplo cenário, o do “boom” da literatura homoerótica, por assim dizer. Ocorre quando os homossexuais “resolveram ir à luta e reivindicar um espaço que lhes era negado (e continua formalmente sendo nas Forças Armadas e na Igreja” (CARVALHO, 2003, p. 35). Para Carvalho, “tratava-se do processo de construção de cidadania”, assim posto:

Um cansaço por ser um cidadão de segunda “categoria” e a rejeição a uma duplicidade de papéis, que leva à famosa ambiguidade brasileira, onde o casamento era um instrumento para alavancar carreiras de políticos e diplomatas e manter as aparências de homens comuns, pacatos pais de família, que se danavam quando conveniente. Como reação à ditadura militar veio a imprensa alternativa e a pluralidade de vozes. Organizou-se o movimento das mulheres, os negros lutavam pela consciência e contra o preconceito, os índios exigiam ser cidadãos, os anarquistas davam as caras e os ecologistas se movimentavam por uma comunhão do homem com o planeta ameaçado (CARVALHO, 2003, p. 35).

Neste quadro, cabe referir a movimentação de uma imprensa alternativa (homoerótica, feminista e já com implicações sobre gênero). Em 1978 aparece o tabloide *Lampião*, editado por Aguinaldo Silva e com a presença de João Silvério Trevisan no conselho editorial. As questões de gênero levaram ao surgimento de uma imprensa feminista, como é o caso de *Brasil Mulher* (1978), *Nós, Mulheres* (1976), *Mulherio* (1981) e outros. A temática lésbica aparece na publicação *Chana com Chana* (dos anos 80). O projeto, como ficou entendido, era político e levou a uma “explosão de uma literatura de temática homoerótica”. Podemos indicar a “Primeira carta aos andróginos” (1975), de Aguinaldo Silva, os contos de João Silvério Trevisan, em *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976), os livros de Darcy Penteado, como é o caso de *Crescilda e os espartanos* (1977). Além dos nomes de Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, o segundo com continuidade nessa linha, com o livro *Em nome do desejo* (1983), podemos indicar Geraldo Markan (*O mundo refletido nas armas brilhantes do guerreiro*, 1979) e Socorro Trindade (*Os olhos do lixo*, 1972). Em 2000, as edições GLS, da Summus, lança a antologia *Triunfo dos pelos e outros contos gls*, com prefácio de João Silvério Trevisan. No prefácio, o autor discute a possível existência de um ponto de vista homossexual sobre o erotismo e questiona se são

postas regras diferenciadas para a representação de uma vivência homossexual nas artes.

Alguns estudiosos acreditam que sim: a arte homoerótica teria características esteticamente peculiares, de modo que quem é homossexual tende a escrever de um jeito parecido. Eu tendo a achar isso uma bobagem, pelo simples fato de que se estaria tentando impor uma “genética erótica”, tanto quanto certos cientistas hoje tentam encontrar traços de homossexualidade até no tamanho dos dedos e nas impressões digitais. [...] Assim como nunca vi cientistas buscando “provas” de heterossexualidade genética nas pessoas, também nunca ouvi ninguém procurar definir o que seria uma literatura masculina, branca e heterossexual. Simplesmente porque se pensa sempre do ponto de vista hegemonicamente masculino, branco e heterossexual, diante do qual o diferente é ser feminino, negro e homossexual. Diferente, exótico e, portanto, fora dos padrões. E vamos cair outra vez no velho conceito de normalidade: uma literatura “normal” contraposta a uma literatura de “minorias”, a ser misericordiosamente aceita – ou rechaçada, por desinteresse, menor e circunstancial (TREVISAN, 2000, p. 11).

Nesse percurso é obrigatória a referência aos nomes sempre citados, como já indicado acima, no âmbito de uma “expressão” homossexual, como Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll, Silviano Santiago e, na poesia, Valdo Motta². Trata-se de uma “homotextualidade” que se normatiza no Brasil, aspecto que sempre foi travestido de uma ambígua flexibilidade sexual – tanto pela elite quanto pelas classes populares -, que

ganha novos contornos para se compreender as relações entre poder e sexualidade, que agora apontam para uma frágil adesão a uma cultura gay de consumo, que só atende aos interesses de uma classe média intelectualizada, pseudocosmopolita, escondendo processos de exclusão brutais, seja no quadro das identidades individuais, seja no de uma identidade nacional, pela proliferação de velhos e novos estereótipos (LOPES, 2002, p. 122).

² Visto o recorte da pesquisa ser voltado à prosa, não adentraremos nessa escrita, mas é importante destacar sua presença. Valdo Motta começou a publicar no final dos anos 70, auge da militância da poesia marginal. O poeta, de formação bastante eclética, não se acomodou, no entanto, ao “rebaixamento literário” que se rotinizava e começava a se impor no mercado (a rotinização de padrões estéticos “marginais” efetivamente virou postura dominante, basta ver as coleções tardias da Editora Brasiliense). De origem humilde, negro, homossexual militante, Motta “quis ir além das vivências imediatas, quis superar o estado da sensibilidade que marcou a criação de seus coetâneos, ainda que tenha iniciado seu trabalho poético no mesmo espírito” (SIMON, 1999, p. 71). Incorporando toda e qualquer matéria a sua poesia, Motta, de outra parte, conseguiu enfrentar o paradoxo da divisão entre vida e arte, com uma poesia “altamente formalizada que relativiza tal separação, enriquecendo-a com a própria experiência, sem cair no polo utópico da dissolução da arte na vida conforme a vanguarda canônica, tampouco no polo do esteticismo que reitera a autonomia da forma” (SIMON, 1999, p. 74). Entre outros livros, a produção poética de Valdo Motta inclui *Peripécias do coração* (1982), *De saco cheio* (1983), *Salário da loucura* (1984) e *Bundo e outros poemas* (1996). Em alguns poemas remete o cotidiano gay de forma cômica, o que não significa um afastamento de uma forma complexa de representação e de expressão da subjetividade.

A obra de João Gilberto Noll pode ser tomada como a mais representativa dos anos 80 quando consideramos aspectos como o espaço da cidade (que propicia o encontro furtivo e é indissociável do próprio desejo), os encontros e os desencontros, a deambulação, a viagem e o desejo de casa, de estabilidade, expressos por um ponto de vista narrativo introspectivo, minimalista e denso, não raras vezes denominado de estilo pós-moderno. Obras como *O cego e a dançarina* (1980), *A fúria do corpo* (1981) representam uma pansexualidade, mas não – talvez – a constituição de uma homotextualidade. Mas no romance *A céu aberto* (1996) há, decisivamente, a construção de um universo incontestavelmente homossexual.

O período que vai dos anos 70 aos anos 90 teve em Caio Fernando Abreu um verdadeiro “historiador” dos afetos, um “biógrafo da emoção”, que não exclui experiências amorosas entre homens, pelo contrário, elas são fundamentais e centrais em todo o percurso da obra do autor. O quadro de afetos é amplo, a considerar a solidão, espera, o desejo de fuga da casa, as memórias, ternura, introspecção, melancolia, exílio etc.

Morangos mofados é o livro de Caio que lhe deu mais visibilidade ao ser publicado por uma grande editora, e em que alcança a maturidade de sua obra. Marcado por personagens afirmativos, não positivos, mas em disposição para a vida, para além do excesso de referências intelectuais dos anos 60 e 70, *Morangos mofados* se distancia tanto de um intimismo clariciano quanto de narrativas alegóricas, como no despidamente afetivo, no quase conto de fadas, “Aqueles dois”, em que um amor entre dois homens emerge do simples cotidiano, pouco a pouco, como uma fatalidade inesperada, rumo a um encontro, na afirmação do afetivo, como a ambígua situação entre a amizade e o amor de “Uma história confusa” (*Ovelhas negras*) Também é importante mencionar “Pela noite”, novela publicada em *Triângulo das águas*, sobre o encontro de dois homens num sábado à noite: o observador e tímido Santiago e Pérsio, ser da noite (LOPES, 2002, p. 153-154).

O bloco de encerramento do conto “Aqueles dois” sela a amizade entre Raul e Saul, quando são despedidos pelo chefe, pois a firma em que trabalhavam precisava manter a “reputação” e zelar pela moral dos funcionários. O amor que emerge das situações cotidianas é assim descrito pelo narrador:

Foi na noite de 31, aberto o champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa do banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã Saul foi embora sem se despedir, para que Raul não percebesse suas fundas olheiras (ABREU, 1995, p. 141).

As primeiras notícias sobre a AIDS, no início dos anos 80, marcaram de modo significativo essa literatura. “Tido como ‘câncer gay’ e trazendo a expressão ‘grupo de risco’, conseguiu baixar a auto-estima da militância homossexual e trazer de volta, de modo redobrado, o preconceito” (CARVALHO, 2003, p. 37). No contexto homotextual, a AIDS não aparece com uma quantidade expressiva, mas nada deve em termos de qualidade. Neste sentido, cabe referir os trabalhos do militante Herbert Daniel, nomeadamente as “Anotações à margem do viver com Aids”, o relato *A doença – uma experiência* (1996), de Jean-Claude Bernardet, e o diálogo imaginário e memorialista de Silviano Santiago, em *Uma história de família* (1992) (LOPES, 2002, p. 143). O tema também foi objeto de produção nos trabalhos de Caio Fernando Abreu. Para Carvalho (2003, p. 37), a “AIDS e a pós-modernidade trouxeram o medo e o fim dos paradigmas, das verdades e dos cânones. A partir de então prevalecem um ecletismo e uma criação baseada na intertextualidade, na paródia, na auto-referência”. É neste quadro que se acentua a contribuição de Silviano Santiago, com os livros *Stela Manhattan* (1985) e *Keith Jarret no Blue Note* (1996), em que a temática homoerótica é retomada.

Referente à contemporaneidade, Silva (2014) aponta algumas das obras produzidas na última década do século XX e na primeira década do século XXI:

Corações, blues e serpentinas (2007), de Lima Trindade, *Entre nós – contos sobre homossexualidade* (2007), organizado por Luiz Ruffato, *Um estranho em mim* (1999), de Marcos Lacerda, *O terceiro travesseiro* (1997) e *Apartamento 41* (2001), de Nelson Luiz de Carvalho, respectivamente, *Poesia gay underground: história e glória* (2008), de Hugo Guimarães, *Olívio* (2003), de Santiago Nazarian, *São Paulo: 1930 – um romance proibido* (2004), de Fabricio de Oliveira, *Anatomia da noite* (2009), *Matéria básica* (2007) e *No presente* (2008), de Márcio El-Jaick, respectivamente, *Da vida dos pássaros* (2009), de Alexandre Ribondi, *Longa carta para Mila* (2006), de Andréa Ormond, *A céu aberto* (2008), de João Gilberto Noll, *Lábios que bejei* (1992), de Aguinaldo Silva, *Cão danado solto na noite* (1999), de Ricardo Thomé, *Cinema Orly* (1999), de Luís Capucho, *Amores no masculino* (2006), de André Ranzatti, *Trem fantasma* (2002), de Carlos Hee, *O teatro dos anjos* (2009), de Dirceu Kateck, *Bundo e outros poemas* (1996), de Valdo Motta, *Cicatrizes e tatuagens* (2007), de Felipe Alface, *Julieta e Julieta* (1998), de Fátima Mesquita, *Triunfo dos pelos* e outros contos GLS (2000), organizado por João Silvério Trevisan, *Caçadores noturnos* (2001), de Felipe Greco, *Musica para quando as luzes se apagam* (2007), de Ismael Canepelle, *Stella Manhattan* (1991), de Silviano Santiago, *Abra e entre* (2003), de Gisele Joras, *Depois de sábado à noite* (2008), de Kiko Riazze (SILVA, 2014, p. 66).

Nesses textos, Silva (2014) nota uma urgência da escrita de si, como uma forma de ocupar os espaços narrativos e marcar suas vivências de uma forma política, buscando representar não somente a si, como a um grupo de sujeitos:

[...] atualmente, principalmente em razão de questões de ordem política quanto às pessoas homoafetivas e suas experiências de vida relacionadas ao registro literário, artístico e/ou histórico, a escrita de si toma outra dimensão: ela deixa de se referir unicamente a uma forma específica de dizer o si e o outro e passa a encampar esse si mesmo na perspectiva do homoafetivo que se re-presenta não e unicamente a si mesmo na dimensão literária, mas estabelece politicamente uma re-presentação de sujeitos e estilos de vida homoafetivos, sendo porta-voz de toda uma subjetividade que se vê visibilizada, projetada, configurada, vale salientar, de várias formas possíveis, assumindo, através das performances das personagens, papéis múltiplos e ocupando espaços vários nas sociedades em que são postas a atuar (SILVA, 2014, p. 67-68).

Entretanto, essa questão é ampliada ao pensar que não somente escritores com vivências homoafetivas podem criar narrativas com personagens homossexuais. Nesse sentido, a obra analisada nessa dissertação não possui nenhuma evidência de que o autor seja homossexual ou que tenham tido alguma experiência homoafetiva. Isso deixa de ter relevância, pois, ao mesmo tempo, sua personagem não carrega demasiados estereótipos ou uma construção narrativa que seja totalmente distante do que é percebido em representações ficcionais de autores que se posicionam como homossexuais. Portanto, é preciso naturalizar a escrita literária que busque retratar a temática da homossexualidade masculina, assim como qualquer outra, sem prejuízo de valor e com a mesma criticidade.

Além do mais, nessa pesquisa e nos textos apontados por Silva (2014) há pouco destaque para a escrita de mulheres sobre a homossexualidade masculina. Algumas das obras encontradas que foram produzidas na segunda década do século XXI são os livros *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2014), de Luisa Geisler e *Confissões de um garoto tímido, nerd e (ligeiramente) apaixonado* (2017), de Thalita Rebouças. Contudo, em investigações futuras, cabe refletir se há mais narrativas de autoria feminina que abordem a homossexualidade masculina ou se essa é outra barreira na questão autoria/representação/representatividade.

Dos textos publicados na primeira década do século XXI, ainda percebemos a forte presença de Marcelino Freire, em livros como *BaléRalé* (2003), *Angu de sangue* (2005a), *Contos Negreiros* (2005b) e *Amar é crime* (2015 [2010]) e Bernardo Carvalho, em *O filho da mãe* (2009). Já nos livros publicados durante a segunda década, encontramos alguns nomes como *O amor dos homens avulsos* (2016), de Victor Heringer, *As coisas* (2018), de Tobias Carvalho, *Quinze dias* (2017) e *Um milhão de finais felizes* (2018), de Vitor Martins, *Ninguém nasce herói* (2017), de Eric Novello, *Cloro* (2018), de Alexandre Vidal Porto, *Você tem a vida inteira* (2018), de Lucas

Rocha, *Homens elegantes* (2016) e *Quatro soldados* (2017), de Samir Machado de Machado, *Pai, pai* (2018), de João Silvério Trevisan, *O complexo melancólico* (2019), de Guido Arosa, *Absoluta urgência do agora* (2020), de Patrício Júnior. Em algumas antologias, como *A resistência dos vagalumes* (2019), encontram-se outros nomes que estão em atuação na literatura brasileira contemporânea LGBT.

É interessante ver que há uma multiplicidade identitária sendo representada nos livros levantados. Por exemplo, nos livros de Vitor Martins, Lucas Rocha e Eric Novello, têm-se uma escrita jovem-adulta, com personagens explorados físico e psicologicamente, como no caso do protagonista de *Quinze dias*, que tem problemas de aceitação de seu corpo obeso, mas cujas dificuldades não são tão encontradas quanto à sexualidade, ou seja, sua homossexualidade é bem aceita no contexto do livro, as barreiras estão somente no seu corpo.

Eu gosto de garotos que são claramente gays porque *eu* sou claramente gay e sonho com alguém que possa ser claramente gay junto comigo [...]. Mas, ainda assim, ouvir o Caio dizendo “EU SOU G-A-Y” com todas as letras torna tudo tão... *oficial*. Sabe quando o Ricky Martin saiu do armário e todo mundo ficou surpreso, mas não por ele ser gay e sim por ele ter assumido? E de repente *Living’ la vida loca* ficou muito mais legal porque o Ricky Martin é oficialmente gay? É assim que eu me sinto agora. Então, sem vergonha nenhuma, eu juro a verdade na mesa (MARTINS, 2017, p. 53-54).

Em *Você tem a vida inteira* podemos observar a tematização do HIV em uma representação distinta da comum, pois o vírus não é visto como uma sentença de morte homossexual. Em contos de Marcelino Freire e Tobias Carvalho percebemos vivências de personagens em relações de busca por afetividade e o exercício de suas sexualidades, cujas vidas se sobressaem às violências familiares, sociais etc. Lebkuchen e Sparemberger (2019) concluem que

[m]esmo os contos que tratam sobre o sexo como ato tão fácil e imediato, como “Canto XIII – Meus amigos coloridos” e “The Biggest Lie”, o fazem como forma de autodescobrimento, de encontrar tentativas de preencher lacunas nas existências dos personagens. Encontramos nos contos “Canto VII – Coração” e “Cantiga de roda” a busca pelo amor, com a presença maior ou menor do afeto sexual em si, nem sempre tão acessível e transparente como a busca pelo sexo nos outros contos e repleta de barreiras que vão desde a falta de autoestima aos preconceitos internos e externos. Logo, os dois contos acabam tratando de uma mesma procura por caminhos distintos (LEBKUCHEN; SPAREMBERGER, 2019, p. 65).

A aparição da figura familiar também ocorre na autoficção em *Pai, pai*, de João Silvério Trevisan, em uma escrita de maturidade, na qual o narrador reconstrói a sua relação, ou a falta dela, com o pai, partindo de suas próprias memórias. Essa

maturidade também é tratada em textos como *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, com um protagonista póstumo que aborda sua homossexualidade reprimida. O conceito teorizado por Sedgwick (2007) é evidenciado na análise de Silva (2019a, p. 115) sobre o protagonista de *Cloro*: “o armário de Constantino opera como dispositivo que possibilita sua permanência na masculinidade hegemônica, e logo, a afirmação dessa masculinidade, ainda que essa vivência seja feita com dor, angústia e auto-negação”. Já outras obras, como *O amor dos homens avulsos*, de Victor Heringer, afastam-se da ideia da homossexualidade como algo reprimido. Mesmo contendo um assassinato provavelmente movido à homofobia, o que não é marcado textualmente, a obra não se resume a esse ato trágico, como aborda Silva (2019b):

O drama de descobrir-se com uma identidade inferiorizada não aparece nessas páginas; somente a vida marcada pela ausência, abandono e solidão. Nem todas as vidas vingam, nem sempre o motivo é a sexualidade – parece nos dizer. Um lugar-comum nas narrativas sobre pessoas LGBTQs é apresentá-las como incapazes de encontrar a alegria, o amor ou a realização porque são definidas pela identidade em tensão com a sociedade fóbica ou intolerante; são narrativas trágicas em vários sentidos. Embora o livro também traga a morte, o fato de ela não chegar no final desloca, por assim dizer, o sentido de tragédia – é um livro, enfim, sobre o desaparecimento do ser amado (SILVA, 2019b, p. 3).

Na obra de Heringer temos também um corpo com deficiência física sendo retratado, sendo visível tanto a abjeção sofrida quanto as que o próprio narrador-personagem reproduz:

Está enganado quem pensa que o aleijado não sabe nada das sanhas do corpo. Somos nós, os mancos, os malformados, os amputados, os obesos e minúsculos, os alérgicos, os hemofílicos, os hemiplégicos, para, tri e tetraplégicos, os anões, os albinos, os sempre-gripados, a legião inteira de indivíduos salvos da seleção natural pela compaixão humana, somos nós que entendemos a glória dos músculos e tendões, as minúcias da troca de calores. (Tantas vezes imaginei jogar bola, brigar de galo, tacar pedra em vidraça!) O corpo sadio que nos falta foi refeito tantas vezes em sonho que somos capazes de inventar um novo corpo, um corpo além, um corpo além de lindo (HERINGER, 2016, p. 63).

Abordando somente esses textos ilustrativos já pode-se perceber que parte da literatura brasileira contemporânea do século XXI tem pensado a homossexualidade masculina de uma forma múltipla, distanciada de estereótipos românticos, voltados somente ao trágico, como se a única possibilidade de representação do gay fosse restritamente promíscua e/ou trágica. Nessa mesma perspectiva, o romance *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, objeto de análise dessa dissertação, narra um protagonista homossexual em diferentes fases temporais, já

vivendo sua maturidade e com experiências anteriores, que são marcantes e mudam sua trajetória, mas que não são o fim, em um sentido trágico e sem perspectivas futuras, senão parte de sua história.

3 A invisibilidade narrativa e corporal em *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira

Analisar uma obra contemporânea por si só já é um grande desafio, por tratar de algo tão próximo ao presente vivido. *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, amplifica essa dificuldade devido à não-existência, até o presente momento, de ao menos uma análise acadêmica, um ponto de partida, necessitando ser dado esse primeiro passo neste trabalho. Entretanto, há alguns textos não restritamente científicos que foram encontrados, entre eles resenhas críticas, artigos de opinião em revistas, suplementos para uso de educadores, entrevistas e impressões de leituras em vídeos no Youtube e postagens no Instagram, entre outros objetos, que serão utilizados como apoio neste debate.

O romance trata do deslocamento de Antônio, um homem cadeirante, negro e gay, de Rio de Janeiro a Niterói, em uma volta forçada para a casa dos pais, por não ter mais condições financeiras de sustentar-se após um acidente que lhe antecipa a deficiência física, pois já tinha uma doença congênita que lhe tornaria cadeirante mais cedo ou mais tarde. Nessa travessia, aspecto chave da obra, partindo da perspectiva da viagem e dos sujeitos viajantes de Louro (2018) apontada no segundo capítulo, se depara com pessoas, situações e objetos que lhe fazem recordar de momentos vividos ou de angústias presentes e futuras, em espécies de pequenos *flashbacks* que mostram diferentes períodos da vida de Antônio, relacionados a pontos de conexão, que unem suas experiências de mundos opostos: o familiar – prático, militar e conservador – e o individual – cultural, artístico e liberal.

Em sua resenha, Rafael Voigt (2018, p. 13) aborda a obra como um “realismo da experiência social”, que traz ao leitor uma vivência de como é ser Antônio, um dos tantos brasileiros que são invisibilizados e que enfrentam barreiras de formas distintas, seja por ser negro, cadeirante e/ou gay. O autor indica a memória como conectora das experiências remotas e recentes, que, diferentemente da obra anterior, é contada por outra voz narrativa:

De modo perpendicular, cruzam-se na discursividade literária a todo instante dois elementos: a experiência de Antônio em sua volta para a casa dos pais, atravessando de barca a Baía de Guanabara, após longos anos distante do convívio familiar; e suas memórias de formação como sujeito em um espaço-tempo avassalador da meninice na periferia, da escola, dos tempos de Marinha, da vida como instalador de exposição artística, do trabalho no tribunal, do antigo apartamento, de Arnaldo (dançarino e seu companheiro),

da tentativa de ser artista ou fotógrafo. Enfim, nessa segunda perpendicular, a memória pontilha a narrativa, em transições naturais, mas com substancial composição psicológica, com a revelação gradual da doença degenerativa de Antônio e de seus dramas pessoais (VOIGT, 2018, p. 13-14).

Para o pesquisador, as características da personagem somam-se ou alternam-se em visões de “deficiências sociais”, ou seja, a cor da pele, tratada como inferior em posicionamentos racistas, frequentes e atuais em nossa sociedade, não é vista negativamente por seu pai que, ao mesmo tempo, aponta a sua sexualidade como fraqueza. No entanto, na visão de Voigt (2018, p. 14), o romance não busca por um “hasteamento de bandeiras de qualquer causa que seja, embora, nas entrelinhas, possa o leitor encontrar por conta própria todas essas questões postas. A causa, na pele de Antônio, é simplesmente ‘ser’ como qualquer cidadão”.

Portanto, pensa a obra como um retrato da contemporaneidade social brasileira que, mesmo sendo múltipla, não sabe lidar com as individualidades, preferindo ignorá-las. Ao mesmo tempo, é preciso refletir se a obra realmente não possui “hasteamentos de bandeiras”, como salienta Voigt (2018), e se Antônio é somente uma personagem a mais na literatura brasileira contemporânea ou se a obra demonstra uma ausência social e política, posicionando suas causas, ao ser construído com um protagonista negro, gay e cadeirante. Isso vai ao encontro do que Carlos Eduardo Pereira menciona ao abordar o processo de criação de sua obra:

(O livro toca em assuntos relevantes, e que, felizmente, estão sendo discutidos em diversas arenas contemporâneas: o lugar, ou lugares que os negros ocupam em nossa sociedade; a questão, ou questões relativas aos deficientes físicos; a pauta, ou pautas relacionadas à intolerância. Mas seriam todos esses assuntos pertinentes para o registro romance? A intenção era escapar do panfletário, fugir das soluções prontas (que nem existem e, se existissem, eu não saberia reconhecer, tenho certeza). Entendo que determinadas bandeiras, que pessoalmente são bandeiras minhas, precisam vir por cima de tudo, na comissão de frente, mas por baixo delas deve haver uma série de outras camadas, camadas que apontam para o que há de comum a todos, que apontam para as questões universais (PEREIRA, 2018, p. 3).

A preocupação com a representatividade é um aspecto notável na obra. Alguns textos na internet, como o de Eder Alex dos Prazeres (2018), na crítica intitulada “Enquanto os dentes e a muleta da representatividade”, aborda como, em sua leitura, esse fator acaba limitando a obra, aspecto que discordamos e que serão comprovados durante a análise, já que o romance demonstra uma riqueza de discussões que vão além das características do personagem. Segundo Prazeres (2018),

É como se a obra se sustentasse apenas na condição física e psicológica do personagem e abrisse mão de uma complexidade maior no desenvolvimento da história e da linguagem, isso acaba funcionando como uma muleta e faz com o livro se torne mais importante por aquilo que representa do que por aquilo que ele é. Ok, temos um protagonista cadeirante, negro e homossexual, o que é uma enorme novidade, mas e aí, o que você tem a dizer sobre isso? O que vai acontecer? Como vai acontecer? Afinal, agora que eu sei quem é o personagem, qual é a história que você tem para contar sobre ele? Tenho a impressão de que *Enquanto os dentes* fica no meio do caminho dessas respostas (PRAZERES, 2018).

Percebe-se que tanto Voigt (2018) quanto Prazeres (2018) percebem a representatividade como algo necessário, pois compreendem que a narrativa é distinta do que vem sendo apresentado na literatura brasileira contemporânea, mas com críticas que são recorrentes, mesmo que abordadas de ângulos distintos. Se Voigt (2018, p. 14) salienta que a deficiência física, a raça e a sexualidade não são o ponto principal da obra, “embora, nas entrelinhas, possa o leitor encontrar por conta própria todas essas questões postas”, como se focar nesses aspectos como marcadores fosse, de certa maneira, reduzir o seu valor como objeto literário, Prazeres (2018), por outro lado, argumenta que justamente esses fatores limitam a obra e ela passa a ser tudo o que vem sendo criticado como “mais do mesmo”, somente com o acréscimo da representatividade, tratada por ele como uma “muleta”, ou seja, de uma forma negativa.

Pensando que o autor da obra, Carlos Eduardo Pereira, é cadeirante, trazer uma personagem protagonista com a mesma característica física é percebido por alguns leitores, de forma reducionista, como um falar de si. Entretanto, por que somente quando essa identidade, que não é a padrão, é narrada na literatura a representatividade em uma personagem ficcional é questionada? O que explica esse incômodo? Certamente, essas questões não possuem respostas, porém, por sua relevância, devem ser apontadas, pois essas leituras indicam que a marcação de territórios identitários divergentes são fraquezas, “muletas”, aspecto que é recorrente e parte do literário, mas que, geralmente, em suas identidades estândaes, não é algo determinante.

Contudo, as críticas de Voigt (2018) e Prazeres (2018) distanciam-se na compreensão da obra. Para Voigt, é justamente o corpo que é o ponto-chave da narrativa, ou seja, não são as características do corpo, como se fossem particularidades preocupadas somente com a representatividade, em preencher lacunas, mas a experiência leitora que a construção desse corpo/sujeito proporciona. Cada detalhe é relevante e não simplesmente um acúmulo de representações sociais,

entendendo, portanto, o que o crítico pensa ao negar que seja um “hasteamento de bandeiras”:

As coisas estão no discurso porque sua estética social requer. A descrição minuciosa de uma cadeira de rodas, de aspectos orgânicos do cadeirante, dos pertences pessoais levados na mudança, importa muito para a função social da literatura da qual Carlos Eduardo demonstra ter plena consciência. Enquanto os dentes é uma fotografia contemporânea do Brasil de hoje, com a objetiva bem preparada para estampar a incompletude social representada por personagem negro, homossexual e cadeirante, em um drama pessoal e familiar que tensionam os vários nós da narrativa. Esses nós ressoam no título e na obra, com seu dizer sem dizer por completo, que permanece até a última palavra do romance (VOIGT, 2018, p. 15).

A escolha do narrador foi um processo importante para a produção da obra, portanto é algo percebido como essencial para a análise:

O primeiro elemento sobre o qual me debrucei foi o narrador. Precisava encontrar uma voz que conduzisse tudo. A questão era definir se seria o Antônio contando a sua própria história ou se faria mais sentido utilizar um narrador em terceira pessoa. Acabei optando por alguém que vai junto, que acompanha o protagonista por todo lugar (e, assim, talvez trazendo com ele o leitor), alguém que sempre esteve colado nesse protagonista, que sabe tudo que ele pensa e sente. Um narrador que observa e, apenas, relata. Ele até traz para nós algumas de suas opiniões, claro (afinal, temos acesso somente ao que ele escolhe para jogar uma luz em cima), mas não me interessava que ele fosse uma espécie de apresentador de programa-dramalhão-da-tevé (PEREIRA, 2018, p. 3).

Essa sensação é percebida no romance, pois o leitor tem uma visão próxima à câmera, acompanhando os passos realizados pelo protagonista, em sua trajetória. Tem-se acesso às suas memórias, pensamentos, projeções e perspectivas, mas não à sua voz. Dessa forma, ressalta-se que, segundo Carlos Eduardo Pereira (2018, p. 3), é um “narrador que observa e, apenas, relata”. Entretanto, na continuação da descrição, já é percebido outro aspecto, pois ele “até traz para nós algumas de suas opiniões”, ou seja, não há as mesmas significações narrativas que existiriam caso tivesse optado por construir o texto em primeira pessoa.

Nesta análise, pensamos como a personagem Antônio é construída na narrativa em terceira pessoa, de que formas seu corpo é retratado e como ele se relaciona com sua homossexualidade, imbricadas com outras intersecções sociais, como a raça e a classe. De que maneiras essa forma narrativa (in)visibiliza a personagem e como o seu contexto corporal e social influencia em sua sexualidade? Para isso, propomos uma leitura crítica linear, na perspectiva textual, entendendo que a narrativa é um trajeto, com ponto de partida e de chegada, e as memórias trazidas

pelo narrador, que servem como quebras da linearidade temporal interna, são relevantes em cada etapa deste percurso.

A narrativa inicia com a explanação de Antônio, que não fumava há quase cinco anos, “desde a manhã do acidente que o condenou à cadeira de rodas” (PEREIRA, 2017, p. 5)³ e que compra três cigarros avulsos por não ter dinheiro para comprar um maço inteiro. Esse é o estado financeiro em que a personagem se encontra no início do trajeto, em sua volta forçada ao ambiente familiar. Já no primeiro parágrafo há a visão social que ele recebe logo após o acidente, como uma grave sentença, visto que o maqueiro, além de permitir-lhe fumar no momento anterior à internação, também o faz junto com ele, ato não-convencional no contexto hospitalar.

No presente, após fumar os seus cigarros protegendo-se da chuva, que lhe dão uma espécie de agonia misturada com prazer, é dado o relato de que a mudança tinha saído há apenas duas horas, em direção à casa de seus pais. Não há espaço para Antônio ir junto com o motorista e com o ajudante na caminhonete de carroceria aberta, pelo tamanho do automóvel e provavelmente por sua falta de acessibilidade. Por isso, ele precisa fazer o percurso com o uso de transporte urbano público. Já não lhe restam tantos objetos, reafirmando a sua condição econômica atual:

Antônio sorriu, fez que sim com a cabeça e acompanhou como pôde a acomodação dos pertences que lhe restaram: um pufe vermelho, um vaso de cerâmica com uma leguminosa, um outro com uma espada-de-são-jorge, três panelas, uma garrafa térmica, dois pratos, dois copos, dois garfos, duas facas, sete colheres, uma caixa de isopor tamanho médio, um pano de prato, um pano de chão, um cabo de vassoura com um ganho de plástico na ponta, um balde, um avental, uns cacarecos de enfeite, quatro pilhas de livros, um ferro de passar, cinco potinhos de vidro com tampa, pincéis, lápis, tesouras, rolos de fitas coloridas de tamanhos e larguras diferentes, uma máquina de costura, dois lençóis de casal, um cobertor, dois travesseiros e duas fronhas, dois cabides, três mudas de roupas bem dobradas, um criado-mudo turquesa, duas toalhas de banho, duas de rosto, um altazinho de madeira e um quadro, o último, que ele mesmo pintou e não sabe se não conseguiu vender porque não interessou a ninguém ou se acabou não colocando a energia necessária para se desfazer dele (p. 6-7).

A segunda descrição da personagem é sobre a sua cadeira de rodas, que é um objeto antigo, pois a sua cadeira sob medida, importada da Alemanha, havia estragado. Antônio a nomeia de “Das Gringa, isso porque em certas regiões da Alemanha existe o costume de dar nome aos locais onde as pessoas vivem, às suas casas” (p. 8). Já no início da narrativa, percebemos a relação que esse objeto tem na

³ A partir dessa citação, será indicado somente o número da página, evitando repetições excessivas na referência do objeto de análise.

vida dele, sendo comparada a um lar, sua casa, pois suas vivências e experiências são interligadas à cadeira. Ao mesmo tempo em que Antônio precisa deixar o imóvel onde vive, por outras condições, pois “o quadro da nova se partiu em dois pedaços, o correspondente a uma fratura exposta na canela direita. Das Gringa foi para o lixo” (p. 10), ele também deixa de ter o conforto que tinha no objeto em que se movimentava, com seu design funcional e confortável, para viver em um móvel usual, mas com condições restritas:

Foi a primeira que ele usou, já saiu da clínica montado nela, e montado nela Antônio acaba ficando ainda mais curvado. Faz um esforço muito maior para tocar para a frente (ele se arrasta por aí numa poltrona de vovó) e a coluna, é óbvio, reage, pede mais remédios. Sente falta da sua Das Gringa. Com ela, rodava as calçadas livre deste barulho arranhado insuportável. Alguém lhe disse para não se desfazer da antiga, nunca se sabe quando a gente pode precisar, foi assim que alguém falou. Então combinou com a mãe de esconder a cadeira no porão da casa dela, sem o Comandante saber (p. 11).

Entre a longa descrição da relação entre a personagem e a cadeira de rodas, mostrando a importância desse objeto para este sujeito, têm-se o primeiro momento narrativo onde podemos pensar o corpo de Antônio como abjeto:

Na rua, as pessoas vivem olhando para Antônio. E ele sorri. É de se imaginar o que elas pensam ao cruzar com um cadeirante desacompanhado. Tem gente que basta topar com um infeliz numa cadeira de rodas que logo se oferece para prestar algum tipo de ajuda. Geralmente os que não podem nem consigo mesmos. Esta tarde já vieram duas velhotas de cabelo lilás, um altão com camisa do Vasco e uma magrela. Só que Antônio não quer nada além de ficar por aqui, fazendo um intervalo para depois seguir seu caminho. A vontade é de mandar para o inferno todos eles. Mas não foi essa educação que recebeu. Por mais que não queira, que não possa, é obrigado a devolver o sorriso. O melhor sorriso (p. 10).

Notamos que essa experiência é algo do cotidiano para Antônio, que frequentemente é visto como um ser que precisa de auxílio, mesmo quando não solicitado. A “boa ação” das pessoas é entendida como uma inconveniência, já que ele não precisa ou não quer essa ajuda, pelo menos não dessa forma e nesse momento, visto a indignação disfarçada de sorriso, por educação. Ele obriga-se a ser gentil, como se fosse um retorno ou uma troca a uma suposta gentileza, afinal, na visão social, as pessoas só estão querendo ajudá-lo. Na sequência, o narrador expõe o que realmente lhe seria útil:

Essas pessoas ajudariam de verdade é se lhe indicassem um banheiro, porque, neste momento, tendo que lidar com uma necessidade que surgiu de um minuto para outro, é só disso que Antônio precisa. Se vivêssemos num mundo ideal, aqui na praça haveria um banheiro público com uma cabine adaptada, daquelas exclusivas para cadeirantes, e Antônio entraria nela. Se

encontrasse um desses pela frente ele poderia se recuperar de uma espécie de vertigem, mesmo que dentro da cabine houvesse vassouras, rodos, baldes, e tudo aquilo que os funcionários da limpeza não têm mais onde guardar (nem todo mundo ideal é tão ideal quanto a gente gostaria) (p. 10-11).

Percebemos pelo menos duas problemáticas relacionadas à urgência da personagem de um banheiro, algo básico e necessário em locais públicos. Primeiro, não há banheiro adaptado, pois o narrador coloca essa situação como algo idealizado. Segundo, mesmo que isso existisse, esse local de acessibilidade e exclusividade sanitária é tratado como uma área de serviço, um lugar para serem guardados produtos de limpeza e outros entulhos, mostrando assim ser visto socialmente como dispensável. Antônio ficaria satisfeito em somente ter a primeira opção, pelo o que está descrito entre os parênteses, mas novamente é posicionado como um corpo abjeto, como alguém que só precisa do espaço por cumprimento às leis de acessibilidade, mas que, de fato, não deveria utilizá-lo, já que esse local não é tratado em igualdade aos demais banheiros, voltados aos sujeitos, não aos abjetos. Ou seja, Antônio não deveria estar ali, não deveria precisar desse serviço essencial.

A “educação” de Antônio é repetida pelo narrador por várias vezes. Esse silêncio ou silenciamento é tratado como algo gentil, simpático e, principalmente, necessário, visto que mostrar atitudes opostas seria encarado como arrogância, falta de consideração e indelicadeza, pois a sociedade está disposta a demonstrar “empatia” e auxiliar, mesmo quando não preciso ou solicitado. Antônio não diz o que pensa para as pessoas, incluindo seus familiares ou desconhecidos, assim como ele não o faz em sua própria narrativa. Quem diz isso é o narrador, em terceira pessoa:

Esta cadeira de rodas é uma merda. É o que Antônio deveria dizer em voz alta, sem se importar com o que o rapaz da banca de jornal pudesse achar, mas não diz. Porque ele não fala palavrão, e “merda” para ele é sim palavrão. Combinaria melhor com a expressão “horrenda”. Isso. Diria “Esta cadeira é horrenda” (p. 11).

Esse caráter de apagamento de si não se deve somente à atual condição física de Antônio, mas está presente em toda a construção da personagem, desde sua criação familiar. Essa característica é marcada em todo o trajeto a partir de memórias ou pequenos *flashbacks*. É como se esse momento de mudança, percurso, regresso, trouxesse pequenas lembranças, seja por nostalgia ou por incerteza de como essa volta aos espaços do passado – locais identitários que divergem de sua formação como sujeito – poderá influenciar em seu futuro.

A primeira memória que é acessada sobre sua família é a de quando seus pais se conheceram no começo da década de 1970. Tem-se a informação de que sua mãe era proveniente do subúrbio de uma cidade portuária, que “era apenas uma menina, e se encantou com aquela figura imponente, vergando uma farda branca” (p. 11). Seu pai, neste momento, era calouro na Marinha. Ele, mencionado textualmente como Comandante, tinha origem humilde, estudando sozinho para obter aprovação no concurso militar, admissão que geralmente era acompanhada de anos de cursinhos, “[o] que faz dele um quebec, no jargão naval, um tipo particular de intruso, que não dá para dizer que seja uma figura indesejável, mas que precisa suar a camisa até conquistar a confiança do colegas” (p. 12).

Após essa breve informação há uma quebra temporal, na qual Antônio recebe uma ligação de sua mãe, a qual é recusada. O narrador volta-se novamente aos detalhes espaciais, agora mostrando como funciona a estação das barcas, que “fazem o transporte público de passageiros entre os dois lados de uma baía de água poluída” (p. 12). Há a informação de que o transporte ainda não está em horário de pico, mas que há um número considerável de pessoas nos guichês.

Antônio encontra uma brecha na fila de guarda-chuvas coloridos e passa em direção ao acesso lateral improvisado onde um funcionário vai liberar sua entrada sem que ele precise pagar a passagem, cortesia de um acordo entre a concessionária que administra o serviço e o Governo Federal. O cadeado está aberto, mas Antônio prefere não entrar. Aguarda uns minutos até que chega uma mulher de colete laranja e faz deslizar pelo trilho o imenso portão gradeado de ferro, resmungando que ele poderia muito bem ter passado sozinho (p. 12-13).

Aqui são percebidas as contradições existentes nas questões de acessibilidade. A passagem é cortesia, mas o acesso é improvisado; tanto que geralmente há um cadeado impossibilitando essa entrada. Ademais, Antônio, que provavelmente já passou por situações similares neste ou em outros espaços, aguarda por uma profissional do transporte por um tempo considerável, o que é visto como um incômodo, novamente, pensando no abjeto. Ao dizer que “ele poderia muito bem ter passado sozinho”, é possível compreender que se há as pessoas que querem ajudar mesmo quando não solicitado ou preciso, a profissional, que desempenha um ofício e é a responsável por esse controle, além de não estar atenta, pelo período de espera passado, reclama ao ter que deslizar um “imenso portão gradeado de ferro”, acreditando que seria um ato fácil de ser realizado por um cadeirante.

O narrador traz outro detalhe supostamente irrelevante do terminal das barcas, o de ter uma televisão em alto volume passando uma corrida de Fórmula 1, quando obtemos mais uma informação sobre o seu pai, o Comandante, a primeira nuance sobre gênero e sexualidade no texto:

Costumava assistir às corridas assiduamente, desde pequeno. O Comandante era fã do Nelson Piquet, aquele, sim, macho de verdade. Brigão, mulherengo e bom piloto. Antônio falou mais ou menos isso para os moleques lá da rua, na última vez que tentou se enturmar (p. 13).

Aqui tem-se a noção de “macho de verdade” relacionada à agressividade, tratamento de mulheres como objeto de valor quantitativo e ações voltadas aos automóveis, características ditas como masculinas. Verifica-se, assim, os processos de dominação masculina, como discutido no primeiro capítulo através de Bourdieu (2017), entrelaçados aos apontamentos de Butler (2019b) trazidos no segundo capítulo, por observar como essa formação discursiva de gênero reflete na construção identitária e na performatividade da personagem, visto que Antônio reproduz, pelo menos naquele momento, a fala do pai, seu reflexo. Há ainda a informação de que foi a última vez que se esforçou para pertencer a este grupo. Logo após, o narrador alega que Antônio não era bom em nenhuma das “brincadeiras de garoto” (p. 13), mas que tinha qualidades relacionadas ao desenho e atividades manuais. Uma dessas brincadeiras era relacionada com algo, na visão social vigente, do mundo masculino, prático, os carros, mas que envolviam questões estéticas geralmente associadas ao feminino, artístico, “testando materiais, derretendo certa de vela na parte de dentro das chapinhas, misturando tintas, cores as mais variadas, proporcionando estabilidade, e beleza, aos petelecos” (p. 13).

Esse contraste fica evidente em uma cena onde Antônio tenta ainda obter esse pertencimento, ao repetir as frases carregadas de machismo do pai, como “que o cara [Nelson Piquet] era um tremendo garanhão, que não perdoava mulher boa que encontrasse pela frente, que ele comia tudo que era modelo, ou namorada, ou mesmo esposa de colega” (p. 13-14), mas trazendo junto as suas próprias ideias, “de um jeito que era – e ao mesmo não era – o do Comandante” (p. 14). Observa-se:

A rua inteira olhando para Antônio. E a coisa piorou com ele se empolgando ao falar das cores da equipe: que o preto da escuderia não era exatamente preto, que era um outro matiz (foi essa a palavra que ele usou, matiz), que estava mais para o grafite. De repente, os garotos, os pais dos garotos, todo mundo começou a gargalhar, só umas mães que não. Apontavam para ele, gritando e fazendo sinais obscenos. Quem já tinha pentelhos arriava a frente dos shorts para mostrar. Um dos pivetes escarrou na camiseta dele.

Identificaram que a sua tevê não era colorida, já que o matiz (eles repetiam, imitando uma vozinha fina), o matiz da escuderia era azul, e não grafite. Antônio correu para casa e apanhou como o diabo. O Comandante enquanto batia reforçava que era para Antônio aprender. Que era para demonstrar como ele tinha que ter feito com eles todos (p. 14).

Podemos perceber nesse trecho, além da constituição social machista e homofóbica na zombaria realizada pelos vizinhos, uma posição agressiva de um pai que lhe bate para exemplificar como ele deveria agir para ser um “macho de verdade”. Mais do que isso, algo necessário de ser aprendido, portanto, não natural ou uma essência do gênero masculino. Além disso, ao apontar a televisão sem cores verificamos a posição social desta família, que não possuía objetos que acompanhavam, em mesma frequência, a tecnologia de sua atualidade.

Voltando ao tempo presente da narrativa, há mais um momento de abjeção do corpo de Antônio, quando ele precisa fazer um exercício para aliviar a tensão e as dores musculares. As pessoas não o olham diretamente, disfarçam, com o que o narrador chama de “uma estratégia de não constrangimento, enfiando o nariz no telefone” (p. 15). Somente um cigano olha para Antônio: “o observa como quem confere um desastre de carro na rua. A visão de uma criatura erguida pelos braços, numa postura curvada, com uma perna morta-viva, deve mesmo ser das mais chocantes” (p. 15). Sendo assim, Antônio é visibilizado novamente de uma forma negativa, ao ser visto como algo estranho, anormal, abjeto, ou invisibilizado, pois as pessoas preferem ignorá-lo, pois consideram-lhe um ser constrangedor.

Antônio, que anteriormente já necessitava de um banheiro, fica ansioso e aliviado por conferir no painel de informações que há uma cabine adaptada neste terminal. Entretanto, ele descobre que os banheiros com acessibilidade continham um aviso “NÃO ENTRE, BANHEIRO EM MANUTENÇÃO” (p. 15). Neste momento e nos posteriores, quando o barco se aproxima para o embarque, dá-se uma sensação de sufocamento, de alguém que não tem seu lugar naquele espaço, pois mesmo os locais indicados a ele estão sempre prejudicados.

Ao esvaziar a estação, há um novo *flashback*, referente às suas residências distantes da família: primeiro, até se formar na faculdade, em um “quartinho alugado de uma família-já-sem-condições-de-se-sustentar” (p. 15); um casarão antigo onde dividia com vários amigos da época da faculdade, “gente descolada e cheia de ideias, gente que não se importava muito com as questões práticas da vida” (p. 16), que logo após foi demolido por ordem judicial; uma quitinete em uma comunidade “com fama

de tranquila, pacificada pela polícia militar” (p. 16); e, por último, no apartamento que ele acabou de sair. O narrador detalha informações referentes a esta última moradia, em um período anterior ao acidente, no qual Antônio recebia inúmeros amigos:

Antônio sempre foi controlado com dinheiro. Pagava as contas, planejava o investimento num equipamento novo ou numa viagem, e de vez em quando ainda poupava algum. Os amigos sabiam que ele gostava de trabalhar à noite, sozinho. Apesar disso, não chegava a ser surpresa quando o interfone que instalou no ateliê grasnava nas horas mais improváveis. Logo subia alguém com uma garrafa, às vezes um monte de gente junto. Mas isso foi antes do acidente (p. 18).

Após essas lembranças, Antônio se depara com um sujeito que tinha sido seu colega no internato militar e que agora pede esmolas no terminal, ou seja, também está em posição de corpo abjeto. Tenta se esconder para evitar o contato e pensa que o antigo companheiro não o reconheceria tantos anos depois e na cadeira de rodas, o que não ocorre:

“Da Silva?”, chamou a voz rouca. Eles conversam sobre os tempos de Escola, como se os episódios da juventude tivessem ocorrido ontem mesmo. Nascimento não para de sorrir, feito antigamente, escancarando as placas de tártaro amarelo-esverdeadas. “Eu sou uma libélula azul!”, ele grita com gestos largos, imitando algum estranho animal voador, “Não era assim que te chamavam? Bem me lembro dos veteranos te aplicando esse trote. Um deles, como era mesmo o nome? Um deles não podia ver você que, onde fosse, no pátio interno, alojamento, no quarto de serviço, só fazia um sinal de leve e tu tinha que fazer assim ó, que nem tô fazendo agora: Eu sou uma libélula azul!” E ele voa de novo. “Com os outros era diferente, Da Silva, a gente era obrigado a pagar flexão de braço, mas contigo era assim mesmo. Eu bem me lembro” (p. 19).

Neste diálogo é possível identificar alguns aspectos. Antônio era tratado neste ambiente de forma distinta dos demais, provavelmente pelos mesmos motivos que lhe foram apontadas como zombáveis na infância, sofrendo *bullying* dos veteranos. Mesmo no trote, um momento conhecido por condicionar novos sujeitos a situações constrangedoras, ele é tratado de outra maneira. Estranhamente, Nascimento não comenta ou questiona nada sobre a cadeira de rodas, “[t]alvez tenha percebido o estado de Antônio, mas não diz” (p. 20). Além disso, vê-se aqui a voz de Nascimento, com o uso de aspas, mas no restante do diálogo, nos momentos onde supostamente Antônio responderia, o narrador volta a somente descrevê-lo, em uma forma próxima ao silenciamento, causando certo estranhamento na leitura, por tratar-se de uma conversa direta:

Parece não guardar rancor de ninguém, do que o fizeram passar. “Éramos todos garotos”, ele diz, coçando os pontinhos prateados de barba por fazer,

“mais ou menos da mesma idade. Lembra do Gargamel? Tu não se dava bem com aquele cara, né? Eu bem me lembro. Ele foi expulso da Escola. Quer dizer, foi convidado a se desligar, como se falava. Coisa de trote, não se se tu já tinha saído [...]” (p. 20).

Em certo momento da conversa, quando questionado se está com pressa, Antônio parece obter um momento de voz, mas que fica somente em seus pensamentos, voltando à questão da educação: “*Imagina, eu tenho todo tempo do mundo, Antônio pensa em responder*” (p. 20, grifo do autor). Esse posicionamento submisso é percebido também em seu passado, quando Nascimento confessa que foi ele quem desenhou “milhões de caralinhos voadores” em sua gramática (p. 21), incriminando outro colega, esperando por uma reação de Antônio, que não ocorreu:

“[...] Acusei o Vieira porque era puto com ele, porque achei que tu ia rebentar, sabe, achei que ia descontar no primeiro filho da puta que encontrasse. Mas não. Tu olhou pra minha cara, guardou o cadeado arrombado do escaninho, o livro cheio de caceta, e foi dormir. Não fez nada. Aquilo me quebrou. Era pra te sacudir, tá ligado? Fiz pra você reagir. Mas você não reagiu. Aquilo me quebrou, e eu tô confessando agora: fui eu que piroquei a merda da sua gramática. Tu me perdoa?” (p. 21).

Dessa forma, percebe-se que Antônio não se opõe ou rebate aos acontecimentos ruins em sua vida, mesmo antes do acidente. Sua forma de existir e ser visível no mundo não é a de enfrentamento, pelo menos não da maneira como seu pai gostaria que fosse, em uma posição ideal de masculinidade. Após essa conversa, há outra descrição familiar, na qual são abordadas as similaridades e as distinções entre o protagonista e seu pai:

Há muitos pontos de contato entre Antônio e o Comandante, a começar pelo nome: ambos se chamam Antônio. Desde antes dessa gravidez da mãe, já estava decidido que o filho se chamaria assim. Podia ter sido Antônio Filho, Antônio Júnior, mas acabou que o funcionário do cartório recebeu a orientação de registrar em seu livro Antônio da Silva e Silva, juntando o da Silva do Comandante ao da Silva da mãe, com um quê de nobreza, marcando assim uma ascensão social familiar, que até ocorreu. Antônio também estudou na Escola (e uma das tradições mais respeitadas na Marinha manda que um aspirante filho de ex-aluno adote o mesmo nome de guerra do pai), mas não chegou a concluir o curso. Um dia Antônio arrumou suas trouxas e simplesmente pulou fora daquele lugar (p. 22).

A primeira frase dessa citação aparenta ter uma espécie de ironia, já que os “muitos pontos de contato entre Antônio e o Comandante” são somente dois, os seus nomes e o histórico de formação militar. Na verdade, mesmo nestes, apenas o primeiro é um fato, já que o segundo não foi concluído e, enquanto realizado, não era o objetivo do protagonista, mas de seu pai. Ressaltamos o uso da expressão

Comandante, quando necessário referir à paternidade do protagonista. O uso do termo “mãe” frequentemente demonstra esse distanciamento entre os dois, visto que somente aparece o termo “pai” no trecho citado anteriormente, quando o narrador se refere a Antônio como filho de ex-aluno da Escola Militar, por tradicionalmente adotar seu “nome de guerra”. Sendo assim, existe uma questão de autoridade/autoritarismo e de orgulho/mérito nessa criação: Antônio só mereceria ser filho do Comandante quando se tornasse igual ao pai, continuando e estabelecendo seu “legado”.

Aqui ainda é possível perceber o enfrentamento de Antônio. Ele não falou com o Comandante ou sua mãe, com os professores e/ou diretores, nem mesmo com os colegas, mas age com o seu corpo para fugir daquele contexto e procurar o seu lugar, não o do seu pai. Pode-se pensar que isso ocorre também no presente, já que Antônio não utiliza sua voz para contestar, mas o seu corpo, que se movimenta em uma cadeira de rodas. Em diversos momentos, a personagem sente falta da Das Gringa, pois ela lhe permitia mais controle em seus passos.

Outra das formas de utilizar sua voz através de movimentos era pela arte, pois pintava quadros. Mantinha consigo preso à mochila uma tela, na qual reproduziu um pôster de um quadro famoso. Interessante notar possíveis significados dessa obra, que Antônio não crê ser agradável, como se estivesse faltando algo, pois seus amigos não a admiravam tanto quanto ele. A personagem “aproveitou o fragmento não no sentido retrato, mas no paisagem, com uma mãe e seu filho morto, ambos deitados, e não de pé, como queria o autor do original” (p. 23). Ao utilizar-se dessa forma, podemos pensar no seu próprio silenciamento e no de sua mãe, posteriormente mais evidenciado na narrativa, em relação ao seu pai, o Comandante. Por estarem em um ambiente machista e agressivo, mantido através de violências simbólicas, eles não podem ter suas próprias vidas quando estão em um mesmo espaço familiar.

Na descrição de seu apartamento, pode-se perceber alguns aspectos de seus gostos relacionados à arte, literatura, filosofia etc. Muitos deles precisaram ser modificados após o acidente, na reforma para obter-se mais acessibilidade:

A obra foi tocada sob a supervisão do Arnaldo, que tinha suas próprias chaves de lá. Foram só as primeiras modificações, as mais urgentes. O básico para que ele pudesse retornar para sua vida normal: no banheiro, o vidro do box (teve que ser trocado por uma cortina de florzinha), o chão desse banheiro (ganhou um caimento de alguns graus, alguns centímetros na direção do ralo, para conter algo da água que escorria porta afora em cada banho sem a pedra de contenção), o gabinete (precisou sair para dar espaço para alguém apertado numa cadeira de rodas), as barras de metal chumbadas na parede de azulejos (apoios desnecessários, só depois é que Antônio foi descobrir), o

piso antiderrapante (igualmente inútil), o vaso sanitário (acabou substituído por um no qual se encaixasse uma cadeira higiênica), o bidê (foi arrancado), a instalação da porta de correr no tal banheiro (e em todas as demais da casa), e a bancada da cozinha, e o armário do corredor, e as alturas das coisas, enfim, o mais urgente. Depois ainda viriam outras obrinhas. Mexeram em todos os cômodos. Só não tocaram no dente, na viga da sustentação (p. 24-25).

As alterações não ocorreram somente no convívio de Antônio com seu próprio apartamento, mas também em seu prédio:

Antônio passou a utilizar o elevador de serviço. Avançava pelas áreas comuns até dar no salão de festas. O porteiro o avistava pela tela do circuito interno e, minutos depois, vinha alguém com a chave do portão. Ele cruzava a garagem passando pela lixeira, pelo bicicletário e pela montanha de tranqueiras que o condomínio não tinha um lugar específico para deixar, então ganhava a rua revestida de pedras portuguesas, evitando assim os degraus da recepção (p. 25).

Em outro *flashback*, iniciado pela informação de que antes do acidente de trânsito Antônio costumava andar de bicicleta, há a informação do trabalho que ele desenvolveu no Tribunal de Justiça, voltado principalmente aos estudantes de Direito, mas que ele ingressou por ter contato com um conhecido, mesmo cursando Filosofia. Lá lhe davam a tarefa de restaurar os processos, função pouco desejada e mais próxima do artístico. Aqui há novamente a descrição de Antônio como uma pessoa reconhecida por “sua natureza dócil, seu trato cordial, sua articulação, seu inglês e seu espanhol” (p. 26-27). Uma cena interessante é quando a personagem ajuda uma cadeirante:

Uma vez, do fumódromo, avistou duas senhoras: uma de pé, que era a filha, e a outra cadeirante, que era a mãe. Elas estavam precisando de ajuda, perdidas na confusão de corredores e rampas de acesso, então Antônio fez o que se esperava dele: apagou o cigarro, pediu licença e correu para dar uma força (p. 27).

Podemos pensar as diferenças entre ele, agora cadeirante, e essa senhora. Apesar dos dois terem a mesma deficiência física, isso não iguala suas vantagens e dificuldades de locomoção e existência. Diferentemente da visão que resume os corpos somente a uma característica, tratando-os como objetos, a obra trata os sujeitos em suas individualidades, mesmo nesse relato recorrente, pois a experiência de ser cadeirante não é a mesma para a idosa e, posteriormente, para Antônio. Regressando ao tempo linear da narrativa, percebemos uma das formas em que Antônio é objetificado, visto somente como um corpo com deficiência, quando um funcionário do terminal se prontifica a ajudá-lo:

Um funcionário de colete laranja, solícito, arma um sorriso torto para o nada e pega sem avisar no apoio da cadeira, conduzindo Antônio até a proa da *Gaivota*, enquanto discute pelo rádio ações com certeza muito urgentes para o bom funcionamento do sistema, para melhor escoar o fluxo de passageiros no horário mais pesado, que aumentou trinta por cento desde que começaram as obras de modernização e embelezamento que a administração pública tem feito pela região. O mar está mexido, o que faz com que a barca chacoalhe um pouco mais do que o normal, e o funcionário de colete acha por bem transferir a manobra de embarque do CDR (é assim que eles chamam o Antônio, de CDR), para os marujos vestindo outro tipo de colete, que já devem estar acostumados com a operação de transferência entre o barco e o cais que também balança, quase tanto quanto, só que no sentido contrário. Os dois marujos articulam um movimento coordenado, um deles empurrando para trás, empinando a cadeira de Antônio, e o outro indo de costas meio abaixado, puxando a cadeira pela frente (p. 28, grifo do autor).

A solicitude desse profissional é similar aos demais que buscavam ajudar antes e aqui sem ao menos um questionamento ou um cumprimento. Antônio, ou o CDR, é tratado como uma encomenda, um objeto. A discussão pelo rádio de ações “com certeza muito urgentes” enquanto carrega um sujeito, demonstra seu costumeiro tratamento com pessoas cadeirantes, como se fossem parte de uma rotina e fossem todas iguais, resumidas a uma categoria. Até mesmo na forma de transferência para outros profissionais é percebida essa objetificação, também visível na continuidade do processo de embarque:

Terminada a faina, eles encaixam Antônio no local próprio para isso, ajeitam seus gorriños, prestam orgulhosos uma quase continência e passam o serviço para outro funcionário, sem colete e sem gorriño, vestindo uma camisa branca com o logotipo da concessionária e uma gravata listrada de nó pronto. Enquanto as pessoas entram e saem, se esbarrando numa sincronia misteriosa, o funcionário vai dando as informações pertinentes a Antônio, o passageiro especial, que é uma de suas funções. Está dizendo que é um prazer para a concessionária transportar um cidadão ativo como Antônio, que a empresa passa por um período delicado com o aumento da procura pelo serviço, que já era grande, Antônio pode imaginar, e são diversos os fatores que diariamente influenciam a operação do transporte aquaviário, inclusive no tempo de percurso, é bom que se diga (p. 28-29).

Há algumas características interessantes, como o tratamento de Antônio como o “passageiro especial” e todo o discurso estratégico para supostamente fornecer um bom atendimento ao “cidadão ativo”, mas que ao mesmo tempo parece ser um entrave, um abjeto, pois a concessionária não consegue suprir a demanda, pelo “aumento da procura pelo serviço, que já era grande”. Após, esse funcionário segue abordando diferentes informações relacionadas ao clima, ao transporte, entre outras extensas justificativas que podem proporcionar problemas durante a viagem, algo que não é dito a todos os outros passageiros:

[...] mas que ainda assim a empresa reconhece os problemas enfrentados pelos usuários do sistema aquaviário e é sensível a eles, por isso trabalha sem medir esforços com o objetivo de oferecer um serviço de qualidade. Que os cintos de segurança estão sempre ok para o uso de cadeirantes, as instruções estão afixadas no teto, como bem se pode ver, elas são autoexplicativas. Por fim, diz que precisa se apressar, que a concessionária deseja uma ótima viagem, e sai (p. 29-30).

Em todo esse tratamento diferenciado, que na perspectiva da empresa e dos funcionários parece ser algo de qualidade, já que eles tem a preocupação em atender essa “demanda”, é visível novamente como Antônio e os demais indivíduos que utilizam o serviço são percebidos como “objetos ativos”. No fim, todas as informações ditas pelo profissional estavam no teto e são autoexplicativas, ou seja, não precisavam ser ditas exclusivamente para aquela pessoa, o CDR.

Agora, já acomodado na Barca, Antônio lembra de um regresso de barca com seu pai após um passeio, que nesta época era costumeiro: “Costumava sair com o filho nos dias de descanso mesmo que chovesse pedra, e com frequência encontrava por acaso uma amiga do trabalho, enquanto a mãe ficava em casa preparando o macarrão” (p. 30). Após Antônio buscar uma cerveja para o Comandante e ele ter problemas em abri-la, a narrativa mostra que ele briga com o filho ordenando-lhe que buscasse outra sem pagar e que, ao mesmo tempo, “virou para voltar a discutir com a amiga. Eles nunca mais voltaram a fazer aqueles passeios” (p. 30). Pode-se inferir aqui mais uma forma de violência simbólica de gênero, ao observar um caso extraconjugal do marido, pela ironia do narrador no trecho “com frequência encontrava por acaso”, ao mesmo tempo em que também é percebida a submissão da esposa, que “ficava em casa preparando o macarrão”.

Logo após essa breve lembrança da infância, Antônio pensa no que o último funcionário da barca havia lhe dito, sobre a existência de barcas mais velozes e que, apesar de serem maiores as tarifas, ele ainda tinha a gratuidade por sua deficiência:

Caso Antônio desejasse, a transferência poderia ser feita, entretanto, infelizmente, o catamarã *Saldanha da Gama* já estava lotado. Que o espaço destinado aos clientes especiais também é ocupado pelas bicicletas, cujo transporte é gratuito todos os dias da semana, respeitando o limite de dez por viagem (acima disso fica sujeito a avaliação). Que os usuários que portam bicicletas não dobráveis e os cadeirantes são os últimos a embarcar e desembarcar. Que Antônio podia ficar despreocupado se desejasse se transferir, pois embarcaria no próximo catamarã, que encostaria em poucos instantes. Sua vaga ficaria reservada, e Antônio pouparia tempo, se as condições de navegabilidade permitirem que se faça ainda hoje mais uma viagem. Antônio tinha agradecido e sorrido para o funcionário, dando a entender que estava bem acomodado ali mesmo, na Gaivota, e que não havia problema se ela fosse devagar (p. 31).

Novamente, o espaço destinado aos cadeirantes é dividido com outros objetos, neste caso, as bicicletas. Sendo assim, mais uma vez são tratados também como sujeitos objetificados, como se a cadeira de rodas fosse um móvel que pode ser estacionado enquanto a viagem é realizada em outro lugar. Além disso, há a questão da relação com o tempo, pois repetidamente é dito a ele que pode esperar pela próxima, assim como seria o último a embarcar e desembarcar. Antônio é tratado como alguém sem urgência, que não tem diversos afazeres e necessidades, que pode esperar, já que é um corpo sem movimento. Ainda, poderia até mesmo reservar sua vaga na próxima barca e “pouparia tempo”, mas isso somente “se as condições de navegabilidade permitirem”. Contudo, Antônio novamente sorri e agradece, como de costume.

A partir do movimento da barca, o protagonista começa a sentir enjoos, que lhe são recorrentes desde criança, “quando rodava de carro ou explorava as dependências das embarcações em movimento nos passeios de domingo” (p. 31), mas que foram agravados após o acidente, por conta dos remédios. Na descrição minuciosa do enjoo, há o detalhe da tentativa de contenção com os dentes, “mas não tem jeito, é um esforço inútil. Antônio sempre perde a batalha” (p. 31). Apesar de tentar reagir a esse problema, o protagonista não tem possibilidades de evitar, pois os medicamentos, que o agravam, são necessários para outros aspectos de sua saúde. É interessante pensar também na ideia do enjoo, que é algo bastante relacionado com o movimento, principalmente em embarcações na água ou nos automóveis, em especial o primeiro, se opõe à profissão do seu pai e que é desejada para ele. Ainda sobre esse aspecto, nota-se novamente a abjeção, quanto Antônio precisa vomitar “se escorando na lateral esquerda da embarcação. Os outros sentem nojo da figura pálida responsável pelo fedor, por espalhar o cheiro azedo que não se dissipa de jeito nenhum, nem com o vento” (p. 32). Isso é visível na escolha narrativa, que opta por apontar o nojo direcionado ao sujeito responsável e não ao vômito.

Na continuidade também lembra da abjeção do próprio pai, quando reflete nas ações marinhas que aprendera, a qual não dominava quando em formação: “Lembra da cara do Comandante, incapaz de disfarçar o desgosto pelo filho, que não se virava muito bem com aquelas questões” (p. 33). Em seguida, recebe uma nova ligação de sua mãe, a qual recusa, e obtemos mais detalhes de sua família:

Antônio sente o celular vibrando. Verifica o visor, vê que é a mãe outra vez e simplesmente desliga o aparelho, sem atender. Ele pensa em como deve

estar se virando com a nova situação. Um filho voltando para casa a essa altura da vida pode ser um processo espinhoso. Ela não lida bem com as novidades, evita surpresas, e nesse ponto viver com o Comandante até que é bom. Eles tocam uma relação baseada, acima de tudo, no previsível, no rotineiro, o que transmite a ela a segurança necessária. A mãe se apoia em dois pilares: os cuidados ao marido e a dedicação religiosa. Ela se levanta, rigorosamente, às seis da manhã (uma hora e quarenta minutos antes disso já está acordada, mas antes de qualquer coisa deve rezar), mesmo aos domingos, e vai preparar o café do Comandante, que, enquanto isso, vai se barbear. Depois de lavar a louça, a mãe confere a despensa e faz uma lista (ela percorre diferentes mercados todos os dias, num roteiro que depende das promoções destacadas nos encartes da semana). Faz as compras a pé, distribuindo igualmente o peso das mercadorias entre as sacolas seguras que carrega no braço direito e no esquerdo, para não forçar demais a coluna, e guarda tudo ao chegar em casa. Ela prepara o almoço feito um robô japonês, depois de tantos anos reproduzindo o cardápio predeterminado, como frango grelhado às segundas ou peixe frito às quartas. Hoje, ao meio-dia em ponto, eles comeram um belo bife malpassado, batatas fritas, arroz branco (o Comandante não suporta o integral), feijão preto e salada verde. Até o dia acabar, é louça, lanche, louça, janta e louça. Nos intervalos, ela reza (p. 34-35).

Pode-se perceber muitas similaridades entre as características psicológicas de Antônio com sua mãe, de forma mais marcada do que as com seu pai. Ela possui somente duas ocupações, que a limitam, de certa forma: a submissão ao seu marido como esposa e dona de casa e sua relação de fé. Entretanto, em nenhum momento, isso lhe incomoda, pois ela aceita as diversas violências simbólicas, crê que faz parte de sua existência. “Viver com o Comandante até que é bom” para ela, mesmo que tenha que cuidá-lo integralmente e de forma regrada, “feito um robô japonês”. Nessa rotina de cozinhar e lavar o que foi usado, só lhe resta tempo para rezar, único momento de sua individualidade como sujeito. Ao narrador trazer o pensamento de que “um filho voltando para casa a essa altura da vida pode ser um processo espinho” para alguém que “não lida bem com as novidades, evita surpresas”, percebemos a angústia vivida por ambos, mas que não parece afetar ao Comandante, em seu lugar confortável no processo de dominação. Provavelmente, até pela forma como Antônio trata o pai e pela sua relação conjugal, apenas o que resta para o protagonista e para a sua mãe é submeter-se às suas regras.

Na barca, Antônio encontra Betânia e seu namorado, sua antiga vizinha, amiga e, segundo o que esperavam os seus pais, sua pretendente: “[a]s família gostavam de pensar que em poucos anos os dois, que estavam sempre juntos para cima e para baixo, se tornariam marido e mulher” (p. 38). Na continuidade desse *flashback* que inicia abordando a entrada de Antônio na Escola da Marinha, sabemos que ele era um dos únicos que estava sozinho neste momento, mesmo que Betânia gostaria de

estar o acompanhando, “mas o Comandante determinou que o garoto fosse sozinho, como passo inicial da jornada que ia transformá-lo num homem de verdade” (p. 38). Pode-se perceber, portanto, que para o Comandante aquele espaço formativo serviria para regrá-lo, ajustar a identidade de Antônio à sua visão de mundo.

Ainda sobre Betânia que, segundo o narrador, “[f]oi criada para casar e, por causa disso, nunca teve muito critério para escolher namorado” (p. 38), ou seja, voltamos à noção de performatividade de gênero, sabe-se que foi uma das suas primeiras confidências sobre a sua sexualidade:

Uma das primeiras tentativas [de namoro] foi Antônio, e ela demorou para se conformar com o fato de que entre eles não poderia haver nada além de amizade. Os dois, jovenzinhos ainda, trocavam confidências, conversavam sobre rapazes. Era a Antônio que Betânia recorria para saber se um garoto novo no bairro era mesmo bonito de doer, e era para Betânia que Antônio perguntava se era normal não sentir nenhum interesse pelo sexo oposto (p. 38).

Após o término da conversa, o narrador mostra outros aspectos físicos de Antônio, que “procura não chamar muita atenção no jeito de se vestir e de se portar”:

É discreto, raspa a cabeça desde novo, quando se acostumou a ser levado pelo Comandante semana sim semana não ao barbeiro da rua de baixo (ainda hoje há barbeiros em atividade, mas naquele tempo havia muito mais, em cada esquina), porque crioulo tem que manter o pelo curto, e Antônio tecnicamente é mulato, já que o Comandante é branco e a mãe é preta (p. 39).

Parece-nos que esse desejo de não chamar a atenção tem relação com sua raça, pois é ensinado pelo seu pai, branco, que “crioulo tem que manter o pelo curto”. Isso é evidenciado na próxima memória trazida pelo narrador, de seu amigo Macrau, jovem negro que lutava por direitos, tanto raciais quanto de outros aspectos, como educação e natureza, ou seja, “chamava a atenção” para necessidades sociais. Em um desses protestos foi preso, demonstrando ser outro corpo abjeto:

Parece que as autoridades confundiram uma faixa feita de palavras de ordem escritas em tinta escarnada com porretes cheios de pregos enferrujados saltando. Confundiram também um megafone velho de voz rouca com uma ampola de coquetel molotov ou coisa do tipo. Parece que apanhou, que estava sem os documentos, parece que a coisa ficou preta. Nunca mais se soube dele (p. 39).

O narrador demonstra a ironia mais uma vez na escolha dos termos. A “confusão” demonstrada pelos policiais “parece que” fez alguém que somente lutava por direitos civis ser identificado como um bandido e, assim, “parece que a coisa ficou preta”, já que ninguém “nunca mais soube dele”. Provavelmente essa invisibilidade de

Antônio na aparência, para evitar transtornos, entra em conjunto às características psicológicas comentadas anteriormente, pois ser “educado” lhe traz vantagens ou menos opressões em uma sociedade racista, que vê também esses corpos como abjetos.

Quando Antônio queria sair da Marinha, fez um planejamento minucioso e economizou a fim de entrar na faculdade e ter o controle de todos os encargos financeiros, no que trabalharia, nos custos com alimentação, moradia, transporte etc. Ao marcar uma audiência com o capitão que dirigia o quartel, foi questionado e pressionado a não abandonar a vida militar:

“Mas garoto, a Marinha precisa de, precisa de homens como você. Tenho certeza absoluta que seu futuro será brilhante. Não vai querer jogar fora todo o investimento que fizemos em você, vai? Pode falar, tá sendo pressionado? Tá sofrendo alguma perseguição, de algum colega? Fala. Nossa conversa não sai desse gabinete. Em todo caso, posso tomar minhas providências, fique descansado. O trote, Zero Doze, o trote é mais antigo do que tudo por aqui, todos passamos por isso, inclusive eu, a minha Turma. Pode ser difícil, reconheço, mas molda o caráter. Acredite, aqui se forjam homens de verdade. Rapaz, presta bem atenção, logo agora que as coisas tendem a melhorar você me apronta essa? Não se preocupe, o quinto ano é bem mais tranquilo. Daqui a pouco você é veterano e, quando menos espera, oficial. Passa rápido. Seu pai tá sabendo dessa presepada? Aposto que não. Ele tá servindo onde mesmo? Eu vou ligar pro Da Silva. Isso, eu ligo pra ele e resolvo rapidinho essa acochambração. Fica calmo, vamos decidir o que for melhor pra você, entendeu?” Mas não teve jeito. Antônio voltou para a posição de sentido, prestou uma continência vigorosa e caiu fora dali (p. 40-41).

É visível nessa fala novamente a questão marcada de gênero: há um tipo de homem que é desejado nessa instituição e, além disso, este homem será transformado em um “homem de verdade”, pois o caráter será moldado a partir de agressividades de diferentes formas. Quando o capitão diz que “o quinto ano é bem mais tranquilo” verificamos que não é somente na entrada que há trotes, mas todo o processo vivido é turbulento e naturalizado, já que todos passam por isso. Ao abordar que logo Antônio será veterano e oficial, mostra que ele um dia estará no outro lado, do que não sofre. Ao trazer a questão familiar, observamos o poder que o pai tem, já que em uma ligação resolveria “rapidinho essa acochambração”. Ou seja, a decisão não é de Antônio, mas de seu pai, ou melhor, do Comandante.

Antônio ingressa na faculdade de filosofia, mas tem contato com pessoas de diferentes cursos da área de ciências humanas, entre eles letras, cinema, design, artes, entre outros. Em especial neste último, tem-se outro *flashback* de seu pai falando sobre uma “reprodução vagabunda” (p. 42) de uma obra de Leonardo Da

Vinci, podendo-se perceber mais uma vez o grande distanciamento de perspectivas dos dois:

Muitas vezes Antônio escutou o Comandante elogiando a obra, suas proporções perfeitas. E o autor, que ele considera mais do que tudo um cientista, porque esse negócio de arte não passa de uma tremenda frescura, palhaçada de uns desocupados bem-nascidos que nem desconfiam do esforço que se tem de fazer para colocar feijão dentro de um prato (p. 42).

Em sua criação, Antônio teve uma abordagem sempre agressiva e perfeccionista, pois o Comandante queria que ele seguisse o seu trajeto. Portanto, na escola, “[s]e a nota fosse baixa, ou seja, menos de oito e meio, o pau cantava de verdade” (p. 43). Já com a sua mãe, o processo “educativo” dado por seu marido era outro: ela gostava de ler, mas os livros precisavam passar primeiro pelo olhar do Comandante para depois serem permitidos para o consumo. Sendo assim, o masculino é incentivado a estimular-se intelectualmente, enquanto o feminino recebe somente a leitura despreziosa.

O seu espaço familiar e as Forças Armadas eram um problema para Antônio, que não gostava de silêncio, já que prezam pelo silenciamento de diferentes maneiras, pois no primeiro “[n]ão se conversava sobre qualquer assunto” (p. 44) e no segundo havia horários rígidos de silêncio total. Nos momentos em que estava sozinho em seu apartamento, ligava o rádio ou falava consigo mesmo, como em uma entrevista. Questionamos aqui como a narrativa inteira traz um Antônio sempre em silêncio, sendo que ele não o suporta, portanto, algo que não é de seu perfil identitário, mas uma criação, para “não se mostrar inconveniente jamais, por questão de orgulho e de educação” (p. 44). Voltando ao presente, Antônio percebe a cidade aproximando-se, na chegada ao terminal:

Alguns cenários mudaram bastante no bairro da infância, outros nem tanto. As ruas, desertas após determinado horário, têm mais postes, só que os pontos de luz amarelada não chegam a iluminar convenientemente o caminho. Antônio se esqueceu dos buracos. Naquele sub-bairro específico, as vias são ainda mais acidentadas, e ele vai precisar de força nos braços para superar o paralelepípedo irregular, o meio-fio alto, a calçada devastada pela raiz da amendoeira, e a ladeira um tanto íngreme para chegar em frente ao muro de chapisco da casa onde foi criado (p. 45).

Verificamos, portanto, dificuldades maiores do que no bairro onde vivia anteriormente. Ali, mesmo sendo o espaço onde foi criado, é um local que não é mais adequado ou acessível a ele, pelo menos não com tranquilidade. Ao ingressar nesta parte da cidade, Antônio se recorda de um de seus envolvimento sexuais:

Antônio tem um amigo que é cria dessa comunidade. As casas onde foram criados ocupam regiões distintas do bairro, ainda que coladas, mas um bom observador percebe a diferença entre elas. Esse amigo trabalha como auxiliar de serviços gerais no condomínio onde fica o antigo apartamento [...]. Ele também se chama Antônio. Os dois se conheceram quando um deles limpava o espelho do elevador de serviço enquanto o outro subia com as compras de uma festa que estava para ocorrer naquela noite. Um Antônio convidou o outro para aparecer por lá mais tarde, e ele a princípio declinou, mas, terminado o expediente, se refrescou como pôde, trocou de roupa, se perfumou e acabou tocando a campainha do setecentos e cinco. Chegando lá, demorou para aceitar a primeira bebida, repetiu que não estava com fome, que já tinha jantado, fingiu que conhecia aquelas músicas, que achava graça das piadas cada vez mais diretas sobre a camisa verde-limão que estava usando, puxadas por um barbudinho que não saía de perto de Antônio, falou que não ligava, garantiu que não levava a mal as gargalhadas de Antônio e dos outros ouvindo essas piadas. Chegou uma hora em que Antônio dispensou seus demais convidados, inclusive o barbudinho, ofereceu outra dose de uísque para o xará e sem dizer mais nada foi desabotoando a camisa verde-limão, depois os dois foram tomar um banho juntos (p. 46-47).

Evidenciam-se nesse trecho algumas questões sociais. Os dois vivem no mesmo bairro e em uma proximidade considerável, mas a realidade de ambos não é a mesma. A família do protagonista teve uma certa ascensão de classe, que é marcada. Antônio, apesar de todas as dificuldades e por certo período, consegue ter uma condição de vida favorável, que lhe permite o acesso, entre outras coisas, ao ensino superior. Enquanto um Antônio residia em um apartamento no centro da cidade, o outro fazia a limpeza do prédio e tinha que regressar à comunidade. Ainda, parece que o contraste entre eles fica maior quando a conversa entre os amigos do protagonista com ele não parecem ser consensuais, evidenciando a oposição de duas classes sociais e marcando-o como inferior, como abjeto. Ao mesmo tempo, Antônio também sente esse distanciamento com o grupo de pessoas que convivia anteriormente:

Antônio reinicia o celular. Consegue enxergar os ícones surgindo na tela enquanto sente a leve tremedeira do aparelho na mão esquerda [...]. As redes também trazem dicas do que acontece nos bares e boates gays da cidade, num guia de turismo alternativo. Numa dessas redes fica o grupo que os velhos companheiros de Turma usam para se manter conectados, entulhando o aparelho de pornografia barata, opiniões reacionárias, bullying explícito e outros assuntos que um bando de quarentões congelados no tempo poderia evitar. Antônio não sai do grupo pois não quer parecer um espírito de porco desenturmado, mas deixa no silencioso e entra de tempos em tempos para apagar a quantidade inacreditável de lixo acumulado num único dia de postagens (p. 49).

Tal oposição é marcada, pois a personagem não enxerga os outros como constituintes de si. Por outro lado, Antônio só não é o “Outro” para os demais, pois não exalta sua identidade, sua sexualidade e sua condição corporal atual aos ex-

companheiros, visto que certamente sua ideologia não é compatível com a “pornografia barata, opiniões reacionárias, bullying explícito e outros assuntos que um bando de quarentões congelados no tempo poderia evitar”, algo que o narrador, que dá voz ao protagonista, trata como uma “quantidade inacreditável de lixo acumulado num único dia”. Em outros momentos da narrativa, tem-se um aprofundamento em algumas questões que podem ter sido primordiais para esse pensamento:

As instituições militares levam muito a sério o disciplinamento do corpo por meio dos desportos e da ordem unida. Assim se formam indivíduos viris, perfeitamente adequados à vida na caserna e fora dela. Antônio chegou à Escola sem a mínima sintonia com esse universo. Ele era um cara educado demais, que falava baixo, prestativo além da conta, incapaz de dizer palavrão, que conservava o timbre agudo na voz e a gentileza nos modos (p. 50-51).

Já no primeiro momento, há uma desidentificação de Antônio com a instituição militar. Interessante notar que essa relação com o corpo, algo importante em outro momento da vida do protagonista, pelo menos para o bom convívio naquele espaço, agora já não é tão relevante, entendendo que o conceito de “indivíduos viris” se afasta das condições atuais e do passado recente da personagem, já que as suas características corporais, que incluem sua deficiência, sexualidade e demais posturas identitárias, são consideradas como abjetas. Mesmo assim, Antônio se esforça para manter-se longe da abjeção, aproveitando aspectos como a sua altura para desenvolver-se em outras áreas, como os esportes, conquistando assim seu espaço e, de certa forma, proteção, necessária no ambiente vivido.

O alojamento também pode ser perigoso. É tão fácil esbarrar com gente lavando as cuecas na pia quanto encontrar de surpresa um grupo de aspirantes do último ano. Teve uma noite assim: Antônio deitado no beliche parecia dormir quando chegou o Dantas Mello, vulgo Paulo Mainha. “Zero Doze, tá acordado?”, Antônio saltou da cama em posição de sentido, “Arrêgo, Da Silva, tá me estranhando? Sou eu, o Paulinho, pode ficar à vontade. Vim aqui pra te dar um aviso. Tem uns caras da minha Turma aqui pelo alojamento de vocês. Eles sacaram que o oficial de dia já foi dormir e vieram pra cá com uma lista na mão. Fiquei sabendo que seu nome tá nela. Eu nem me dou muito com eles, mas achei melhor vir junto pra te proteger de alguma forma. Vamos fazer o seguinte: eles agora estão lá do outro lado, reunindo os boys, e já já vão chegar em você. Não adianta fugir, tu sabe disso, mas fica calmo que quando chegar sua vez eu assumo a faina. Tô precisando conquistar algum respeito e achei a solução ideal pra nós dois, se liga só: eu mostro pra Turma que posso ser filho da puta e ao mesmo tempo alivio seu lado. Esse trote é simples, eu grito uns palavrões no seu ouvido, posso até te dar umas porradas, não leva a mal, mando você abrir esse pacote aqui ó, é sabão de coco, e tu morde com vontade, tem que partir a barra em dois pedaços, esse é o bizu, não precisa engolir [...]. Ajuda se você se engasgar. Ou melhor, chora. Não vai bancar o machinho, né? Eles vão se divertir um bocado vendo o grandão do vôlei chorando que nem uma bicha. Aí te deixam em paz. Depois que a gente sair você corre pro banheiro, cospe o sabão na pia e escova o máximo que puder, é importante, bota bastante pasta. Amanhã ou

depois não vai sentir mais nada, pode crer. Faz isso pelo seu camarada? E olha bem, Da Silva, não esquece, me chama de chefe, tá? Vai ser melhor.” (p. 52-53).

Como visto anteriormente, o trote é algo comum neste espaço. Ao mesmo tempo em que seu veterano propõe uma proteção a Antônio, busca respeito dos seus colegas, gerando também cobertura a si mesmo. Se é preciso demonstrar aspectos da masculinidade nessa instituição, nesse momento de dominação entre semelhantes, onde é melhor o “camarada” ser chamado de “chefe”, o indicado é “não [...] bancar o machinho”, já que “eles vão se divertir um bocado vendo o grandão do vôlei chorando que nem uma bicha”. Nota-se, portanto, o processo de dominação do abjeto, que é moldado em diferentes perspectivas, pois é preciso afirmar-se aos outros como norma e o “Outro” como estranho, digno de desprezo. Voltando ao presente:

Na Gaivota, chega perto de Antônio uma senhora. Ela estava agorinha cochichando com uma outra igual a ela, no bordo oposto. Veste saia comprida e blusa abotoada até o pescoço, ambas da mesma cor, uma variação ordinária de bege, e usa um coque nos cabelos. E óculos. Lentes grossas que, olhando de frente, fazem as rugas parecerem maiores do que são de verdade. Antônio já tinha percebido que ela se aproximava, abrindo caminho até ele, pedindo baixinho: “Dá licença, minha filha?”. Pensou em fingir que estava dormindo, mas não pôde. “Você já conhece a nossa publicação? Pode pegar, meu filho, é gratuita [...]. Se tua fé for grande o suficiente, o Todo-Poderoso vai te levantar dessa cadeira. Ele pode tudo.” Ela diz isso tomando o jornal das mãos de Antônio e apontando os dedos finos para as ilustrações que alternam gente sofrida em fundo cinza com famílias sorridentes num campo repleto de flores, com a mesma expressão de alegria que ele procura reproduzir, mas tem dúvidas se está conseguindo (p. 53-54).

Há algumas considerações interessantes neste acontecimento. Primeiro, o monólogo vindo de uma senhora religiosa a um homem de meia-idade, em uma cadeira de rodas. Aqui há uma contradição, visto que por sua idade ela também pode possuir diversos problemas de saúde, muitos que provavelmente nem devem ser enfrentados pelo protagonista ou por outros deficientes físicos, que não são uma só identidade. Além disso, enxerga Antônio, mesmo com a distância, e tem urgência em falar-lhe. Aqui parece que a personagem se torna visível socialmente, mas novamente como alguém digno de pena e esperança, pois, se sua “fé for grande o suficiente, o Todo-Poderoso vai te levantar dessa cadeira. Ele pode tudo.” Ao mostrar-lhe as ilustrações, pode-se pensar que ela enxerga Antônio atualmente como “gente sofrida em fundo cinza”, mas que ele pode tornar-se, futuramente, caso deixe de ser cadeirante, alguém feliz, “sorridente num campo repleto de flores”.

Isso também lhe trouxe a lembrança da época em que ia na igreja com a sua mãe, onde “se sentia incomodado com os olhares, com os risos dos garotos caçoando

dele e que ninguém parecia perceber”. Mesmo contendo mais similaridades identitárias com a sua mãe em comparação a seu pai, o espaço religioso também não o contemplava. Apesar de seus esforços de pertencimento, o mesmo que fazia com os ambientes desejados pelo pai, Antônio não se identifica, pois também sofre abjeção, de uma forma ainda mais velada. Uma de suas reais identificações é com Arnaldo, descrito primeiramente como seu “amigo mais querido. Não dá para contar as vezes em que conversaram, sozinhos, no antigo apartamento. Eles tinham afinidades profundas, ficavam nessa até de manhãzinha” (p. 57). Essa relação íntima, descrita aqui como amizade, será retomada posteriormente. Entretanto, após o acidente, ela também não seguiu como antes, pois Arnaldo não conseguiu manter-se em sua companhia, encontrando uma nova, deixando Antônio sozinho nesse novo contexto:

Algum tempo depois do acidente, os dois perderam contato. Antônio tentou tocar a vida sozinho. Aprendeu com os profissionais da reabilitação que era possível manter a rotina, bastavam algumas pequenas adaptações e tomaria banho sem ajuda de ninguém, poderia pegar um ônibus na rua e até mesmo dirigir. Teria como se trocar por conta própria, vestir as calças, os sapatos, a cueca, seria um indivíduo autônomo, apto a trabalhar no que quisesse (p. 57).

Como visto, Antônio seguiu mantendo-se independente, pois tinha condições de ter autonomia. No entanto, por questões principalmente financeiras e trabalhistas, “[...] chegou uma hora em que foi obrigado a refugar. Enquanto os dentes da boca deram conta, ele mordeu, sustentou a vida que havia construído tijolo a tijolo, só que agora não dá mais. Agora ele sabe que acabou” (p. 58). No decorrer da narrativa tem-se mais detalhes a respeito da deficiência física do protagonista, que não surgiu apenas pelo acidente, que somente antecipou uma doença congênita⁴, ou seja, cedo ou tarde ele chegaria a essa condição.

A lesão na medula é relativamente alta, o que acaba por comprometer seus movimentos e a sensibilidade do tórax para baixo. Ele não sente nada. Ou sente dores, e essa é outra contradição em sua cabeça. Essas dores perturbam o tempo inteiro, tanto nas partes do corpo que pela lógica não deveriam doer quanto no resto. Doem os braços, as mãos e as costas, sobretudo o lado esquerdo, ele não sabe o porquê. As pontas dos dedos já não captam as sutilezas de alguns materiais e nem sempre Antônio consegue

⁴ Como informado posteriormente na narrativa: “Antônio foi testado positivo para neuromielite óptica, uma doença degenerativa que lhe roubará os movimentos e a sensibilidade pouco a pouco, até ficar completamente cego e enterrado numa cama, dependendo de alguém que lhe dê comida na colher, de preferência pastosa, pois a doença prevê dificuldades grandes, tanto para deglutir quanto para respirar, no fim de tudo. A deficiência de Antônio não é, portanto, resultado do acidente de carro: ele terminaria entretido de uma forma ou de outra, o trauma somente acelerou o processo, provocando um surto mais agressivo do que se poderia esperar” (p. 84).

distinguir diferentes texturas se não estiver olhando bem de perto, se não roçar de leve o rosto, se não cheirar ou lambe a superfície. A camada mais externa da pele pinica, arde, formiga. Antônio é capaz de cada vez menos. Com as limitações físicas, foi perdendo trabalhos, não entra mais na maioria dos lugares, não alcança determinadas alturas, não tem a mesma disposição de outros tempos. Passou a ver tudo por baixo. E sua visão já vem falhando, vai se apagar. É comum acordar pela manhã e continuar no escuro. Somente aos poucos vai percebendo a luz, as cores (p. 59).

Para não tornar a leitura desta análise exaustiva, por ter diversos acontecimentos que são recorrentes ou que ilustram de forma mais detalhada debates que já foram trazidos anteriormente, alguns deles serão abordados brevemente. Por exemplo, há a descrição de outra breve relação homoafetiva de Antônio, com um colega de trabalho (p. 60). Ao desembarcar do transporte, verifica-se novamente a abjeção do corpo com deficiência, pois além dos profissionais somente perceberem que ele não continha os métodos de segurança necessários para a viagem, há um momento de constrangimento, pois os funcionários buscam alternativas para realizar o procedimento de saída da barca:

Os quatro funcionários coçam a cabeça por baixo do gorrinho, trocam olhares entre si, confabulam, alternam o foco entre a cadeira e a escada, verificam possíveis pontos de apoio, se a estrutura é forte, arrastam as botas de modo a eliminar o excesso do aguaceiro, a aumentar a aderência, e então suspendem Antônio com tudo (p. 61-63, grifo do autor).

Além disso, pode-se perceber que esses entraves não são exclusivos da barca, por ser um meio de transporte fluvial, mas também aparecem no transporte urbano coletivo ou particular:

Precisa pegar mais uma condução até a casa do Comandante e da mãe. Tem quatro alternativas: ônibus, táxi, kombi ou van [...]. [Passa] pelos táxis estacionados em frente ao supermercado. Alguém falou que ele não teria como embarcar, porque a cadeira ocupa espaço demais e nem desmontada caberia no porta-malas, menor do que se imagina devido ao cilindro de gás instalado ali para economizar no combustível. Antônio ouviu as explicações com um sorriso no rosto, enquanto pensava que pelo menos evitaria a negociação pelo valor da corrida, que apesar de curta não teria mesmo condições de pagar. As vans e as kombis passam todas cheias, com as janelas fechadas, e os ônibus vêm pela pista de fora, talvez porque ninguém faça sinal [...]. É quando para na frente de Antônio um ônibus desses com plataforma mecânica instalada na porta do meio, que traz um adesivo com uma mensagem alertando que é para uso exclusivo de cadeirantes [...]. O motorista joga para o lado uma toalha que usa para enxugar a testa e as mãos, dá uma olhada para o cobrador, comunica aos passageiros que pode demorar, salta a roleta em direção à tal porta, coça a cabeça e perde uns momentos analisando o controle composto de dois botões, um verde para descer o mecanismo, outro encarnado para subir. As pessoas no ônibus e no lado de fora esticam o pescoço para enxergar melhor o procedimento. Alguns sugerem suspender Antônio no braço para ser mais rápido, outros acham que assim vai escorregar. Depois de uma pancada e dois chutes, o equipamento começa a se mover, só que para cima, o que parece estranho. O motorista

aperta o outro botão, e aí sim a plataforma vai para baixo e os degraus são recolhidos. Antônio se ajeita na almofada, se posiciona no local indicado nas instruções, que dizem que é para entrar de ré, freia a cadeira, sorri, dando a entender que agradece e pede desculpas por tomar o tempo alheio, se segura como pode e o ônibus arranca dali (p. 63-66).

Como percebido no texto citado anteriormente, ademais das dificuldades em localizar um tipo de transporte adequado, soma-se o tempo de espera até mesmo para o uso deste. Mesmo quando o resultado é positivo, ao embarcar no ônibus, ou negativo, quando não pode utilizar o serviço do táxi por não ter espaço o suficiente, ocupado pelo “cilindro de gás instalado ali para economizar no combustível”, Antônio reage com gentileza e agradecimento, como se ele fosse um problema, um obstáculo, e não o contrário. Isso fica visível no constrangimento do motorista e do protagonista, quando precisa fazer com que as pessoas aguardem o procedimento de embarque. Sendo assim, a personagem pode esperar o que for preciso, pois é um corpo abjeto, os demais sujeitos não, pois são cidadãos visivelmente ativos. Retornando a temática da sexualidade, verifica-se como a instituição militar lida com “desvios” em seus espaços:

O Código Penal Militar classifica como crime a prática da pederastia, portanto o sujeito assim que entra para a Marinha já fica sabendo que é proibido praticar, ou permitir que com ele se pratique, quaisquer atos libidinosos homossexuais dentro das dependências militares. A pena vai de seis meses a um ano de detenção. E no caso da Escola o regimento interno ainda determina que o aspirante em questão seja jubilado. [...] Mas naquela época era difícil para o comando saber de todos os deslizes cometidos e condutas inadequadas. Fossem quais fossem, eles acabavam ficando pelo terreno do boato. O que estimulava que às vezes no alojamento se ouvisse um grito de “Jubila o veado!”, puxando um coro desencontrado de gargalhadas e outros gritos de “Jubila o veado!” ou “Jubila essa bicha de uma vez!” (p. 67-68).

Há vários aspectos nesse trecho. Primeiramente, a proibição da homossexualidade no ambiente, tratada aqui como “pederastia”. Ao mesmo momento em que se diz ser “proibido praticar”, aborda-se também ser proibido “permitir que com ele se pratique, quaisquer atos libidinosos homossexuais”. Isso é contraditório, visto o histórico de trotes aplicados na instituição, muitos deles com extrema violência. Logo, ressalta-se a virilidade e a dominação masculina, pois “homens fortes” supostamente conseguiriam proteger-se e, assim, não serem atingidos por essas agressões. Apesar disso, havia “deslizes” e “condutas inadequadas”, que também eram utilizadas como formas de violência psicológica, com gargalhadas, pois somente o boato de ser ou ter atitudes ou performances ligadas aos termos “veado” ou “bicha” já poderia trazer problemas aos sujeitos.

Após descer do ônibus, Antônio encontra problemas recorrentes de acessibilidade na rua, como os trazidos anteriormente, mostrando que essa ausência é percebida em diferentes locais da cidade (p. 71). Temos a memória detalhada do acidente (p. 74-76) e dos momentos vividos posteriormente, muitos deles com um traço irônico do narrador: “Como tudo na vida tem dois lados, o que em princípio parece um inferno absoluto também tem suas vantagens, e Antônio não sente mais o calor sufocante que o acompanhou por toda a vida” (p. 74). Ainda, há a memória no momento exato da batida, novamente relacionada aos seus pais:

Enlatado atrás do volante do carro, ele pensou nos pais. Lembrou que a mãe costumava dizer que ele era uma criança mordedora, daquelas que, talvez porque demorem mais que os filhos dos vizinhos para falar e para andar, cravam os dentes feito cães em qualquer um que esteja ao seu alcance. Ela achava uma atitude horrorosa, morria de vergonha, enquanto o Comandante ficava quieto, com uma cara que não dava para saber se era de orgulho pelo garoto que ainda novinho já mostrava as garras para quem o incomodasse, que dava sinais de macheza, ou se era de vergonha do filho mulherzinha, que gostava de morder e arranhar (p. 78).

Esses estereótipos de gênero e sexualidade acompanham as experiências de Antônio de forma tão forte, que é a primeira lembrança em um momento de pânico. Enquanto a mãe preocupava-se com o filho ser “uma criança mordedora”, pois poderia demonstrar falta de educação, não se sabe se o Comandante tinha orgulho, no caso do filho demonstrar uma força através da violência bruta, impondo respeito, uma atitude “masculina”, ou se essa mesma agressividade era motivo de vergonha, por ser relacionada a um tipo de violência “feminina”, por “instinto” de defesa e proteção.

Voltando à relação entre Antônio e Arnaldo, cabe questionar se após o acidente ainda era possível eles viverem uma relação afetiva e sexual ou se os motivos do afastamento entre os dois era de outra ordem:

Chegou um momento em que Antônio e Arnaldo acabaram se afastando, esse tipo de coisa sempre acontece, não tem jeito, só que, se dependesse de Antônio, a relação teria durado um pouco mais. Eles já vinham se estranhando, é verdade. Arnaldo ficava cada vez mais próximo de um colega de companhia, e Antônio não pôde ir junto na última turnê porque preparava sua exposição, que acabou cancelada depois do acidente [...]. Arnaldo ajudou logo depois do acidente, claro, mas aí veio outra viagem, e mais outra, até que um dia ele foi para um endereço diferente (p. 78-79).

Essa é a última informação no tempo linear da vida de Antônio, pois na obra Arnaldo ainda aparece uma última vez, quando o narrador traz mais informações a respeito da relação entre o protagonista e sua mãe. Antes disso, há ainda uma

conexão entre o sujeito portador de deficiência física e a cadeira de rodas, ressaltando a relevância desse objeto, por possibilitar sua autonomia e individualidade⁵:

O maior desespero para um cadeirante ativo é ficar sem sua cadeira. É ser assaltado, quem sabe até dirigindo, e cismarem de levar a única coisa que o torna minimamente autônomo na vida, estar parado numa esquina deserta e dar com um bando de mal-encarados que roube seu dinheiro, seu carro e o largue no chão, sem ter como fugir dali correndo, sem ter como conseguir ajuda, pois as pessoas não têm como saber se o cara deitado na calçada é um mendigo ou se é um golpe, uma tocaia para atrair gente de bem. Os bandidos nem ligam se a vítima pode ou não caminhar com as próprias pernas, se é deficiente mesmo ou se está apenas se fingindo de coitada (p. 80).

Ao abordar temas como fingimento, golpe, “para atrair gente de bem” tem-se uma noção recorrente quanto às diferentes formas de deficiências, pois muitas vezes tais pessoas são vistas negativamente, como preguiçosas e aproveitadoras, com um olhar de abjeção, como se nelas faltasse esforço ou mérito, pensamentos que o protagonista afasta de si ao buscar exercer a “gentileza”, como abordado anteriormente. Isso é visível quando retratado em programas televisivos/jornalísticos pessoas com deficiência que conseguem exercer atividades de formas impressionantes, apesar de suas condições, em uma versão romantizada. A relação de Antônio com os seus pais é trazida novamente, na medida em que se aproxima da casa da família:

Antônio se pergunta com o que estarão se ocupando o Comandante e a mãe neste exato momento. Imagina que ele esteja sentado na poltrona, de frente para a tevê, com o controle em uma das mãos e uma cerveja na outra, à procura não de mais um noticiário (ele assiste a um único jornal, pois já conhece os apresentadores, e chega até a adivinhar as notícias), mas de um filme, uma reprise, alguma coisa no canal de séries antigas, provavelmente reclamando do excesso de novelas no horário. A mãe só pode estar lavando louça, rezando baixinho para não incomodar (p. 81).

Esse olhar questionador de como está sua família neste momento aparenta carregar uma preocupação de que as coisas estejam exatamente iguais a quando ele deixou aquela casa. É uma situação constrangedora para o protagonista voltar a um espaço onde o seu pai, o Comandante, apenas preocupa-se em assistir televisão, enquanto sua mãe segue cumprindo os afazeres domésticos e os ritos religiosos;

⁵ Isso ainda é retomado posteriormente na narrativa: “Depois que se tornou cadeirante, Antônio passou a ter ainda mais dificuldades em controlar a pressa de chegar aos lugares, de fazer o que quer que seja. Procurou de todas as formas garantir o máximo possível de autonomia. Das Gringa foi peça importante nessa transição. Antônio pôde circular pelas ruas graças à estabilidade relativa que a cadeira lhe proporcionava. [...] e outros detalhes transformavam Antônio num cadeirante ativo, faziam com que se sentisse quase igual a todo mundo” (p. 87).

“ocupações” bastante distintas, que demonstram as divisões generificadas. Provavelmente essa angústia surge por Antônio ter noções de como a família está, devido à aproximação de sua mãe, de forma escondida do Comandante:

Quando ficaram a sós, ela perguntou como ele estava, disse que jamais chegou a receber a correspondência prometida com seus contatos e que não tinha como encontrá-lo numa cidade tão gigantesca, que ela estava bem, levando a vida conforme a vontade de Deus, que o Comandante, nesse momento ela foi interrompida por Antônio, alegando pressa. De qualquer forma, ele não desejava obter informações sobre o pai. Os dois meio que se abraçaram, e Antônio deixou com a mãe um papelzinho com número de telefone e endereço. Por algum motivo, acabou anotando errado o número do prédio e omitiu o apartamento, mas não faria diferença, já que o combinado foi que ela ligaria primeiro se precisasse de alguma coisa. E assim fizeram a partir daquele dia: a mãe telefonava toda segunda-feira de manhã, quando o Comandante estava na reunião semanal de aposentados no Clube Militar, e eles se encontravam de vez em quando para um café, uns encontros sem registro (p. 83).

Ressalta-se a postura da mãe, que considera como qualidade de vida estar bem em relação à sua crença, e o afastamento de Antônio, quando a abordagem da conversa ia em direção ao Comandante. Quando Antônio, “por algum motivo, acabou anotando errado o número do prédio e omitiu o apartamento, mas não faria diferença”, mostra que ainda há um afastamento entre as suas vidas, porque certamente isso faria diferença, caso ele quisesse um novo encontro com sua mãe. Apesar de dizer que isso não seria um problema, já que “ela ligaria primeiro se precisasse de alguma coisa”, pode-se pensar nas inúmeras vezes em que Antônio ignorou as ligações de sua mãe, demonstrando que essa relação é mais frágil do que aparenta. O protagonista não se identifica de nenhuma maneira com seu pai, mas tampouco tem uma identificação acentuada com sua mãe.

Teve uma vez que ela ligou depois de duas ou três semanas sem conseguir saber do filho, e foi Arnaldo quem atendeu. A mãe ficou muda, mas ouviu que Antônio tinha sofrido um acidente, que os médicos tinham descoberto um problema e ele estava internado desde então, consciente, fazendo um tratamento que ia se estender por semanas, talvez um pouco menos se tudo corresse bem, que seu nome era Arnaldo e que. Ele não acreditou quando a mãe desligou na sua cara. Ligou de volta na mesma hora. “Escuta aqui, dona Teresa, eu vou usar de toda a meiguice que Deus não me deu pra te falar umas coisas, e acho bom a senhora me ouvir porque senão vou praí agora e a gente tem essa conversa cara a cara. Eu e Tony estamos juntos há quase dois anos, dona Teresa, dois anos. A gente mora junto, entendeu? Eu sei que a senhora tá bem de saúde, não vai passar mal com a notícia. Quem tá mal é o Antônio, dona Teresa, e ele tá precisando de ajuda, vai precisar do apoio de todo mundo que ama ele. A ressonância acusou necrose na medula. Sei que o Tony vai brigar comigo quando souber dessa nossa conversa, ele diz que eu falo demais, depois eu me entendo com ele. Enfim, era isso, tenha um ótimo dia, e recomendações ao Comandante” (p. 83-84).

O confronto de Arnaldo ao realizar a ligação que informa dona Teresa sobre o acidente de seu filho, evidenciando sua relação amorosa na ausência do diálogo, em “seu nome era Arnaldo e que.”, sucedido da finalização da ligação, refazendo-a logo após, comprova uma ação que Antônio não consegue obter, talvez por seus laços afetivos. Ressaltamos que, aqui, no final da narrativa, é o primeiro momento onde o nome de sua mãe aparece, evidenciando o seu apagamento na narrativa, similar ao de Antônio. Ao mesmo tempo, confirma-se a proximidade do protagonista à sua mãe, tratada sempre por esse termo afetivo pelo narrador que, em terceira pessoa, acessa às memórias e aos pensamentos da personagem, diferentemente de seu pai, que é sempre versado como Comandante. Isso fica ainda mais evidente no final da narrativa:

Ele consegue até ver o Comandante falando “Quando é que você vai procurar um trabalho de verdade, hein, rapaz? Esse negócio de pintura é coisa de mariquinha”. E Antônio fará como aprendeu com o próprio pai, respondendo só depois da segunda ou terceira vez que lhe perguntam quando o assunto não é do seu agrado, “Sim, senhor”. Ele costumava ser mais alto e mais forte que o Comandante, foi guarda-bandeira nos tempos de Escola, que era um pelotão destacado, composto apenas pelos de maior estatura e garbo militar, foi da equipe de vôlei, no entanto manteve pela vida a convicção de que o pai poderia agredi-lo sem dificuldades, bastava querer, e poderia aplicar-lhe um tremendo corretivo, a velha lição da Madalena. E a mãe, entre uma ausência e outra, tentaria, a seu modo, protegê-lo, atraindo a atenção do marido para outra coisa, talvez alguma decisão doméstica (ela jamais teve autonomia para decidir sobre as coisas de casa, e tem que pedir dinheiro para as compras e autorização para participar de um evento da igreja, por exemplo), podia ser que funcionasse. O Comandante sempre acreditou que se deve deixar claro para a criança desde cedo quem é que dá as ordens. Ele defendia a necessidade de postura, de valorizar a voz de comando, sem muitas explicações, dizia que era justamente o que sinalizava o tamanho da merda que o filho havia feito, que ela devia ser usada com sabedoria, para não banalizar, e que só daquela maneira, no tom certo, se podia alcançar os efeitos desejados. A reação de Antônio aos ensinamentos sempre foi de desconcerto. Ele sorria e ruborizava, apesar do tom pardo da pele (p. 87-88).

Percebemos as relações autoritárias vividas em sua família. O Comandante desempenha seu papel paterno como se estivesse tratando um subordinado na instituição militar, deixando os laços afetivos como algo distante ou inexistente. Mesmo que imaginados, termos como “trabalho de verdade” e “coisa de mariquinha” somados à resposta habitual “sim, senhor”, comprovam que a visão identitária de ambos não é compatível, sendo a construção de Antônio vista em perspectiva de abjeção pelo pai, o Comandante. As noções de “correção”, recorrentes na narrativa através do uso da “velha lição da Madalena”, pois “o pai poderia agredi-lo sem dificuldades, bastava querer”, unidas ao apagamento da mãe, com um laço afetivo

mais forte ao filho, que, “entre uma ausência e outra, tentaria, a seu modo, protegê-lo”, apontam uma base familiar construída a partir da dominação e submissão, de todas as perspectivas de gênero. Por isso, a necessidade de o filho, ou o “Comandado”, ser criado como um “homem de verdade”, alguém que irá prosseguir com o poder dominante.

Por último, pode-se questionar se mesmo as relações sociais escolhidas por ele o tratam como sujeito ou como abjeto após o acidente:

Depois da semana e pouco que passou no antigo apartamento com as pessoas pensando que estivesse num cruzeiro de delícias, Antônio ressurgiu, só que um tanto diferente. Voltou a se encontrar com velhos amigos e a recebê-los em casa. Era uma gente animada, que gostava de beber e fumar, do tipo chegado às boates do submundo, que marca encontros pelas redes sociais, em banheiro de shopping ou de academia, estação de metrô, atrás da moita numa praça. Uns menos e outros mais indiscretos, que Antônio foi conhecendo ao longo da vida, em eventos isolados, e que naqueles dias voltaram com força total, não dispersos, um a um, como costumava ser, mas todos juntos. Atendendo a uma convocação invisível, eles foram chegando, sem a mais vaga ideia de como se portar com Antônio, mas cheios de curiosidade, que foram sumindo pouco a pouco. Algo se quebra depois que você vira cadeirante, ou desencanaixa, e não é verdade o que dizem os psicólogos, que o sexo continua sendo sexo, do ponto de vista de um deficiente, que o sexo está mais na cabeça do que no órgão genital. Sexo é pau duro, é penetração, e não dá para ignorar que mais de setenta por cento do corpo de um homem assim fica fora de uso, não adianta tocar que ele não sente nada. Os dias de loucura terminaram quando Antônio caiu da cadeira de rodas pela última vez, nas mãos de um desses amigos. O sujeito o carregou no colo, colocou de volta na cama, desligou o som e foi embora (p. 92).

Ao narrador apontar que as pessoas “foram chegando, sem a mais vaga ideia de como se portar com Antônio”, evidencia que há um olhar curioso, que pensa que a condição de deficiência física altera todas as possibilidades de existência social, e isso é firmado quando eles afastam-se da personagem, “sumindo pouco a pouco”. Se as amizades de Antônio não seguiram as mesmas, isso também ocorre com as relações amorosas e sexuais. Segundo o narrador, o que é dito pelos especialistas sobre o sexo não ser algo restritamente físico não é sentido por Antônio, que entende, neste momento, que sua vida sexual acabou ou, pelo menos, que nunca mais será a mesma.

A narrativa aparenta ter um fechamento cíclico, em aberto, pois ao chegar na frente da casa da família, não os encontrando em casa, apesar de ser um horário em que habitualmente ali estariam, tem um diálogo, novamente em forma de monólogo, com a vizinha, que aponta o estranhamento, tanto em direção a Antônio quanto à ausência dos vizinhos. O silenciamento é ressaltado, pois a personagem não tem nem

tempo de responder, com a emenda de diálogos da mulher que o observa. Ao mesmo momento, Antônio toca a campainha e ela não produz som algum, como se a casa estivesse vazia, o que não é real, visto o estranhamento da vizinha. “Ele se ajeita na almofada, arma seu melhor sorriso, se vira para a vizinha que chama o Comandante pelo nome e fala “Hein?” (p. 93). Aqui há duas possibilidades leitoras, segundo os tempos verbais utilizados. A primeira é a de que esta última sentença é pronunciada por Antônio. Isso mudaria o rumo narrativo, já que encerraria opondo-se ao seu passado e ao seu presente, ou seja, Antônio mudaria seu posicionamento gentil e se defenderia das diversas violências sociais vividas por ele e por outras pessoas com quem se importa, como sua mãe. Carlos Eduardo Pereira aponta para essa possibilidade:

Eu sempre procuro optar por uma condução mais discreta, deixando umas sombras (que, sim, são partes integrantes da composição e das motivações de um personagem) para o leitor. O próprio Antônio, novamente para exemplificar, só fala em discurso direto uma única vez, a última palavra do livro. E foi muito nessa linha que cheguei àquele final, um final de interjeição, de dúvida, de um silêncio que talvez contraste com esses nossos tempos ruidosos (PEREIRA, 2018, p. 3).

Entretanto, também podemos ler a narrativa como concluída com o mesmo silêncio que o protagonista desenvolve durante toda a sua trajetória. A possibilidade do fechamento novamente com o silêncio, por gentileza e educação, acompanharia o percurso mostrado em sua história, fazendo com que a personagem voltasse ao mesmo ponto-comum de seu ciclo. Nesse sentido, o regresso à casa de seus pais não teria outra condição, senão a de assimilação. De qualquer maneira, apesar de não se acompanhar as experiências futuras do protagonista, a abjeção social de Antônio provavelmente seguirá ocorrendo, devido os diversos apagamentos realizados pela norma, pelas identidades dominantes, em relação às características corporais da personagem, sua deficiência física, sua raça, sua sexualidade etc. Portanto, o corpo abjeto é notável na obra, evidenciando que mesmo quando visto, Antônio é invisível como sujeito identitário que é. Suas características, não-desejadas no senso social comum, são determinantes à personagem, como se ele fosse resumido a elas.

Desembarque

Nessa dissertação discutimos temas relacionados ao corpo abjeto, como identidade, gênero e sexualidade, suas interfaces na literatura brasileira e contemporânea e buscamos analisar no romance *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, como a narrativa visibiliza e invisibiliza, ao mesmo tempo, a personagem Antônio, corpo que sofre abjeções de diferentes níveis, seja por sua deficiência física, raça e homossexualidade.

No primeiro capítulo, verificamos que os conceitos identidade, gênero, sexo e sexualidade são construções socio-discursivas e que são integrantes e formadoras de diferentes relações de poder, fixadas por instituições educativas e modeladoras. Isso ocorre ao transformar uma identidade como a norma e as demais como a diferença. No segundo capítulo, isso fica visível ao discutirmos corpo abjeto, entendendo que nessa produção sistêmica, as identidades divergentes são vistas como algo a ser posto às margens, fora das experiências sociais, pois não são reconhecidas como sujeitos, mas como algo a ser eliminado, evitado. Isso ocorre, dentre outros motivos, porque elas apontam as lacunas na norma, demonstrando que mesmo nos padrões há espaço para o estranho, para o abjeto. Notamos que uma das formas da marginalização é através do silenciamento, percebido na literatura brasileira contemporânea, que ainda tem as mesmas vozes produzidas, em aspectos narrativos internos e externos. Ao mesmo tempo, há uma quantidade considerável de autores e de obras que buscam abordar a homossexualidade de forma múltipla, afastando-se de tematizações somente negativas, como percebido anteriormente.

No terceiro capítulo, podemos perceber que o romance traz uma perspectiva distinta das narrativas produzidas no sistema literário brasileiro, mesmo que contemporâneo, por trazer à tona uma vivência muitas vezes ignorada socialmente. Percebe-se que Antônio é invisibilizado de diferentes formas, seja na voz narrativa, nas relações sociais de diferentes etapas de sua vida, antes e depois de sua deficiência física. Isso prova que a abjeção da personagem se relaciona com diferentes aspectos, como sua raça, sexualidade, suas performances de gênero e por ser cadeirante. Ao abordar essa última característica, Carlos Eduardo Pereira apresenta uma experiência da invisibilidade social, pois tem-se acesso às diferentes dificuldades e visões sociais dadas a um corpo com deficiência física, percebida em diferentes momentos como algo não desejado socialmente. Dessa forma, se Antônio

sofre a abjeção social por sua condição corporal, também sofre de outras instituições formativas, incluindo sua família, por sua homossexualidade.

Escrever este trabalho, sobre um livro de travessia, uma “odisseia particular”, como descrito em sua contracapa, me fez caminhar ou viajar junto com Antônio. Este projeto já teve várias caras, com diferentes intenções de pesquisa, mas chegamos aqui, neste ponto, em um momento pessoal onde eu, pesquisador, por outros motivos, também me encontro em um processo de mudança, em uma travessia que costura passado, presente e futuro. Trabalhar com o livro *Enquanto os dentes* neste momento específico me fez seguir os passos de formação e (in)visibilidade identitária, vividos por Antônio, refletindo, particularmente e ao mesmo tempo, sobre os meus. Se no início do trabalho pensava ser uma tarefa difícil, pesada, e por alguns momentos o foi, ao final do percurso vi que foi mais uma das ações constituintes, que me transforma(ra)m como profissional e ser humano.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ABREU, Caio Fernando. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALÓS, Anselmo Peres. Prolegomena queer: gênero e sexualidade nos estudos literários. **Caderno de Letras**, Niterói, n. 42, p. 199-217, 2011.

ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira**: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade. Santa Maria: UFSM, PPGL; Brasília: CNPq, 2017.

AROSA, Guido. **O complexo melancólico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. [Entrevista concedida a] Baukje Prins e Irene Costera Meijer. Tradução de Susana Bornéo Funck. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

CAMPOS, Ionice Barbosa de; MELO, Carlos Augusto. Sair ou não sair: a linha tênue entre ficar no armário e a liberdade. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 20, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2016.

CARBONEL, Thiago Ianez. **Homoerotismo e marginalização**: construções do universo homoafetivo masculino na literatura brasileira contemporânea. 2012. 292f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

CARVALHO, Bernardo. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARVALHO, Gilmar de. Alteridade e paixão. **Cult**, São Paulo, n. 66, p. 32-39, fev. 2003.

CARVALHO, Tobias. **As coisas**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

COIMBRA, Rosicley Andrade. Corpo abjeto e identidade desviante em “Pequeno monstro”, de Caio Fernando Abreu. **Litterata**, Ilhéus, vol. 8/1, p. 63-82, jan./jun. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um romance ambíguo e desafiador. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 155-169.

FREIRE, Marcelino. **BaléRalé**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005a.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005b.

FREIRE, Marcelino. **Amar é crime**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GEISLER, Luisa. **Luzes de emergência se acenderão automaticamente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas**, Milano, v. 2, p. 199-221, 2012.

GREEN, James N. Introdução. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 7-20.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HERINGER, Victor. **O amor dos homens avulsos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JUDAR, Cristina; RABELO, Alexandre (orgs.). **A resistência dos vagalumes**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

JÚNIOR, Patrício. **Absoluta urgência do agora**. Recife: Jovens Escribas, 2020.

LARROSA, Jorge Bondía. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiencia de la lectura**. 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.

LEBKUCHEN, Jessé Carvalho; SPAREMBERGER, Alfeu. Diga-me com quem tu transas e eu (não) te direi quem és: as representações do gay em contos de Marcelino Freire e Tobias Carvalho. **Miguilim**, Crato, v. 8, n. 2, p. 53-67, mai./ago. 2019.

LIMA, Vinícius Moreira; VORCARO, Ângela Maria Resende. O estranho como categoria política: psicanálise, teoria queer e as experiências de indeterminação. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 473-484, jul./set. 2017.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARTINS, Vitor. **Quinze dias**. Rio de Janeiro: Globo Alt, 2017.

MARTINS, Vitor. **Um milhão de finais felizes**. Rio de Janeiro: Globo Alt, 2018.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NETO, Manoel Vaz da Silva. **O armário da epistemologia**. Das imagens ao imaginário: o homossexual como metáfora da doença e o gay como metáfora da cura. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

NOVELLO, Eric. **Ninguém nasce herói**. São Paulo: Seguinte, 2017.

PEREIRA, Carlos Eduardo. **Enquanto os dentes**. São Paulo: Todavia, 2017.

PEREIRA, Carlos Eduardo. Formas de criar silêncios diante dos ruídos. **Pernambuco**, Recife, n. 147, p. 3, mai. 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PRAZERES, Eder Alex dos. 'Enquanto os dentes' e a muleta da representatividade. **A escotilha**, 2018. Disponível em: <<http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/enquanto-os-dentes-carlos-eduardo-pereira-todavia-resenha/>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1, p. 37-51, mai./out. 2015.

PORTO, Alexandre Vidal. **Sergio Y. vai à América**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PORTO, Alexandre Vidal. **Cloro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PORTO, Tiago da Silva. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. **Ide**, São Paulo, v. 39, n. 62, p. 157-166, dez. 2016.

RAMOS, Wellington Furtado. A literatura no horizonte da perversão e da abjeção. In: SANTOS, Rosana Cristina Zanellato; BENATTI, André Rezende (Orgs.). **O lugar do abjeto: do perverso e do animal na historiografia e no cânone literário**. Pelotas: Editora UFPel, 2019.

REBOUÇAS, Thalita. **Confissões de um garoto tímido, nerd e (ligeiramente) apaixonado**. São Paulo: Arqueiro, 2017.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Lucas. **Você tem a vida inteira**. Rio de Janeiro: Galera, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 36, n. 1, p. 61-71, jan./mar. 2014.

SILVA, Claudimar Pereira. O homem no armário: representações das masculinidades no romance *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 62, p. 105-118, jan./jun. 2019a.

SILVA, Leandro Soares da. Victor Heringer – O amor dos homens avulsos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 56, e5624, 2019b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: os dois livros de Valdo Motta. In: **Praga - Estudos marxistas**. São Paulo: Hucitec, v.7, 1999. p. 69-99.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TIBURI, Marcia. Judith Butler: feminismo como provocação. **Cult**, São Paulo, n. 6, ano 19, p. 8-11, jan. 2016.

TREVISAN, Dalton. **A guerra conjugal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

TREVISAN, João Silvério. Literatura homoerótica e seus espelhos. In: **Triunfo dos pêlos e outros contos gls**. São Paulo: Summus, 2000.

TREVISAN, João Silvério. **Pai, pai**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. rev. atual. amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Tradução de Pablo Cardellino Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2019.

VOIGT, Rafael. Enquanto os dentes: um realismo de experiência. **Voz da literatura**, n. 3, p. 13-15, jul. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.